O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS

QUARTA-FEIRA 25 DE JULHO DE 1888

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:711

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—AVEIRO PERANTE O PODER EXECUTIVO.—O COMICIO.—AO «COMMERCIO PORTUGUEZ».—PATARATICES.—CONTRADICÇÕES FLAGRANTES.—NOTICIAS DIVERSAS.—O CAMINHO DE FERRO DO VALLE DO VOUGA.—COMMISSÃO DISTRICTAL.—CARTA DE LISBOA.—PARTE OFFICIAL.—NOVAS DE LONGE.—PAGINA LITTERARIA: ALEXANDRE HERCULANO, *por Alves Mendes*; AS FREIRAS DE LORVÃO, *por Alexandre Herculano*; A TRIBU DE SANEKA, *por Vidal Oudinot*; FOLHETIM, IVANHOÉ OU O REGRESSO DO CRUZADO.—NOTICIAS LOCAES.—CARTA DE LISBOA.

AVEIRO

AVEIRO PERANTE O PODER EXECUTIVO

Publicamos hoje a representação que os povos d'esta circumscripção administrativa dirijiram ao governo sobre a questão ahi levantada por um punhado de individuos, a quem as paixões alucinam, não vendo que com taes acintes estão prejudicando a terra no seu desenvolvimento moral e material. Desde que estamos na imprensa nunca deixamos de pugnar pelos interesses d'Aveiro, e atravessámos tempos calamitosos de perseguição e ostracismo, sem nunca arredarmos pé dos arraiaes em que jurámos bandeiras. E se entendessemos que havia rasão ou motivo digno da parte dos que combatem ahi as irmãs hospitaleiras chamadas a collaborar na grandiosa obra de caridade, com certeza seriamos dos primeiros a aconselhar que lhes agradecessem os seus serviços, dispensando-as todavia de continuarem a prestal-os n'uma terra em que ellas por infelicidade sua eram antipathicas.

Mas nenhum pretexto plausivel se invoca para a hostilidade que lhes estão promovendo os republicanos, cujo numero é tão minguado, que não póde nunca ter a estolida pretenção de assumir a dictadura n'uma localidade onde as dictaduras foram sempre mal vistas. Aqui, onde não estadeiam as grandes fortunas, onde não impera a aristocracia do dinheiro, todos se julgam eguaes, e ninguem se considera infallivel. Mas ao contrario dos principios expostos, parece que se pretende abrir agora uma excepção. Uns tres ou quatro individuos, que capitaneiam um grupo de 60 ou 70, entendem que devem impôr-se por meio do insulto e da calumnia, levantando como labaro o nome de José Estevam, que hoje todos respeitam em Aveiro, consagrando á sua memoria testemunhos de saudade, e que ninguem ahi pretendeu affrontar. Porque elle em tempo, ha 26 annos, discursou nas camaras contra a liberdade de ensino, fallando por tanto contra a collocação das irmãs da caridade nos azylos de Lisboa, quando se estabeleceu a corrente a favor d'ellas, entenderam os demagogos aveirenses que com taes armas poderiam abordar a questão religiosa, explorando o sentimento local. A traça porém não illudiu senão os que quizeram ser illudidos. Nem José Estevam fallou sobre irmãs hospitaleiras, que então não existiam, nem a especie era a mesma, porque se tratava de estabelecimentos de beneficencia, destinados á educação da mocidade. E mesmo que assim fosse, os que não reconhecem nem acatam a infallibilidade do papa, não podiam declarar infallivel a José Estevam, ou qual outro, por mais lucido que fosse o seu espirito.

Quanto á propaganda da diffamação, relaxamol-a ao baraço da legislação penal. Por tanto a essa nada diremos, declarando nós muito terminantemente, que nunca a provocámos, por que nunca fizemos nem acceitámos a questão n'esse terreno.

Quanto aos principios e á apreciação dos factos, vemos que a parte sã da nossa população civil se apresenta de um modo que edifica, pugnando pela moralidade, acentuando bem o caracter que teem as irmãs hospitaleiras, que a meza da Misericordia chamou para o serviço do hospital, e isto sem azedume, fóra dos dominios da politica, que de ordinario perverte as melhores intenções.

Firmam a representação nomes illustres, amigos devotados que foram de José Estevam, que com elle trabalharam na ultima campanha eleitoral tão honrosa para o grande orador como para todos, porque houve inteira liberdade e cada um votou conforme as suas sympathias. E a par d'estes nomes de cidadãos respeitaveis, veem-se outros de senhoras da nossa primeira sociedade e de mulheres do povo, que não tiveram duvida de patentear as suas opiniões sobre um assumpto que affecta as consciencias; porque não se trata das irmãs hospitaleiras, que tão bem estão em Aveiro, como em outra qualquer terra do reino ou do estrangeiro, mas do nosso hospital civil, sempre descuidado, entregue sempre a mãos mercenarias, e que actualmente se acha confiado á-quellas sr.as, com satisfação da pobreza, e de quantos ali vão procurar alivio aos seus padecimentos.

Esta é a verdade, que não se destroe com objurgações de um facciosismo deleterio, que ninguem póde desculpar e muito menos attender. Desde o momento que taes propositos vingassem, não haveria nada serio, nem respeitavel. Tudo cederia em presença do capricho ou da alicantina. Em breve trecho a anarchia invadiria todas as estações publicas, campeando a devassidão do mais audaz.

Eis a representação. Nos proximos numeros continuaremos a publicar os nomes dos signatarios d'ella, para que se comprehenda bem que em Aveiro não calam as exagerações, e que a politica deve por-se de parte quando se tratam questões de tamanho tomo.

Ordem, moralidade e liberdade, mas nunca a licença, o impudor e a anarchia,

Senhor.—Os cidadãos abaixo assignados no pleno goso dos seus direitos civis, e com inteiro desprendimento de preoccupações politicas, vem por este modo e perante Vossa Magestade, unicamente inspirados por sentimentos de ordem, de verdade e do justiça, expôr lealmente ao Augusto Chefe do Estado, o que a sua consciencia lhes dicta no momento em que em Aveiro, e sob pretextos futeis, se procura desvirtuar as melhores intenções, propinando o veneno da descrença, e manejando as armas da calumia e da injuria.

E', Senhor, improcedente, sem razão de ser, e portanto injustissima a agressão que com malevolo pretexto aqui se move contra as irmãs hospitaleiras, que a actual administração da Santa Casa da Misericordia admittiu no serviço de seu hospital depois de tres experiencias successivas e infructiferas feitas com o pessoal civil ou leigo, e isto com louvor e aplauso de todas as pessoas sensatas não só da cidade, mas tambem do concelho e do districto, por isso que é hoje incontroverso, em presença dos factos, a competencia d'aquellas senhoras, que são verdadeiros modêlos de abnegação e sacrificio, desempenhando ellas com extremada solicitude a sua nobilissima missão de caridade.

Senhor:—São importantes e innegaveis os serviços prestados á humanidade enferma por as irmãs hospitaleiras, que não sabem recuar ante os horrores da miseria, nem em frente do perigo das epidemias, ou das tragicas scenas da guerra, sempre firmes no seu posto de honra, acudindo presurosas onde ha dores a mitigar ou consolações a distribuir. No mais aceso dos perigos arremessam-se impavidas, de animo sereno, não se preoccupando com o contagio nem com as balas, levando a toda a parte alivio aos que soffrem, esperança em Deus aos que agonisam longe da patria e da familia.

Senhor:—Em Aveiro os factos de todos os dias estão provando á Meza directora do nosso estabelecimento hospitalar as vantagens do serviço, já na parte moral, já pelo lado material ou economico, prestado pelas irmãs hospitaleiras áquella casa de caridade. D'isto dão testemunho esta povoação e os seus arrebaldes, porque teem, por meio de inspecção ocular verificado os progressos moraes e materiaes introduzidos no mesmo estabelecimento apoz a admissão d'aquellas senhoras.

Senhor! em um hospital civil, cujos rendimentos são minguados, se cumpre attender aos preceitos da hygiene, havendo todos os confortos para o doente, já no que respeita ao estado do corpo, já na parte puramente espiritual, é certo que as administrações gratuitas não pódem corresponder á sua elevada missão se não forem auxiliadas por um pessoal dedicado e serio, especialmente consagrado ao serviço das enfermarias, e ao da sua administração interna. Não basta o accio do edificio, é preciso tambem que uma zelosa fiscalisação verifique diariamente a exactidão dos fornecimentos, tanto na quantidade como na qualidade dos generos requisitados, afim de que o estabelecimento não seja prejudicado, nem aos enfermos falte a alimentação prescripta pelo facultativo.

A Santa Casa da Misericordia d'esta cidade tem de receita 4:500$000 reis, mas só com o culto na sua egreja dispende 400$000 reis, em consequencia dos encargos dos legados de alguns bemfeitores, além de reis 250$000 de um dote annual concedido a donzella pobre e honesta por occasião de effectuar o seu casamento. Importa por tanto a despeza estranha ao hospital em 650$000 reis, o que reduz a dotação d'elle a 3:850$000 reis, o que é insufficiente, se não houver a maxima economia na sua administração; e comtudo o movimento annual dos doentes póde estimar-se em 400 individuos de ambos os sexos. E não obstante a Meza Administrativa ser desajudada por falta de pessoal idoneo nos primeiros oito mezes da sua gerencia, é certo que se fizeram importantes reducções na despeza, e que estas importam já em alguns centos de mil reis, como é publico e notorio, o que é um resultado que tem causado agradavel surpreza a quantos se interessam pela prosperidade e bons creditos do mesmo estabelecimento.

As enfermarias veem-se agora bem limpas e bem tratadas, notando-se em tudo o maior arranjo e decencia. Ha ali conforto e carinho para os doentes, que já não se pejam de sollicitar um logar n'aquella casa, d'onde em outro tempo fugiam, ou em que só entravam quando a miseria era extrema, e já não tinham que empenhar ou que vender para se tratarem, o que se dava com frequencia quando as enfermarias se achavam a cargo de gente mercenaria, e o desleixo e o abandono eram proverbiaes.

Senhor! estes são os factos que todos aqui conhecem e apreciam, sem que os supplicantes tentem envolver-se em questões politicas, mesmo porque entendem que a politica deve ser estranha á gerencia e tratamento de um hospital, onde só teem entrada os que soffrem, os que luctam diariamente com a sorte adversa. Para estes é que se fizeram aquellas casas; e quando as paixões tentam impor-se ás conveniencias legitimas da communidade, forçoso é que a parte sã da população civil se levante para protestar contra a propaganda do mal que tudo sacrifica á especulação partidaria, como se a humanidade nada representasse no meio da contenda, e como se a opinião justa e sensata tivesse abdicado a favor da anarchia, promovendo d'este modo o transtorno dos interesses sociaes.

Senhor: estas são as razões, porque os abaixo assignados vem sollicitar de Vossa Magestade a manutenção do actual regimen inaugurado pela Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericordia no hospital d'esta cidade, sem que a presença das irmãs hospitaleiras possa considerar-se offensa ás leis, porque não são a congregação que ellas prohibem, nem uma affronta á memoria do grande cidadão, a quem Aveiro vae erigir um monumento que comemore com a saudade de muitos, os relevantes serviços que em vida prestou ao seu paiz, e em especial á terra que lhe foi berço.

Senhor: por todas estas considerações, esperam os supplicantes que Vossa Magestade attenderá a presente representação, consentindo que em Aveiro, a exemplo do que se está passando em muitas das mais importantes povoações do nosso territorio continental, continuem as irmãs hospitaleiras em serviço no hospital civil, onde ellas teem posto em evidencia a abnegação, a caridade e o amor do proximo no tratamento dos doentes que povoam as enfermarias d'aquelle estabelecimento hospitalar.

P. a Vossa Magestade se digne haver por bem deferir á presente supplica.

Aveiro 12 de julho de 1888.

E. R. M.

José Candido Gomes d'Oliveira Vidal, conego arcypreste e reitor do Lyceu.

Dr. Antonio José Rodrigues Soares, director do *Collegio Aveirense.*

José Francisco das Neves, prior d'Esgueira.

Padre José Maria Godinho Taborda Soares d'Albergaria.

D. Marianna Angelica Godinho Taborda Soares d'Albergaria.

João Pinto Rodrigues Vallas, pharmaceutico.

D. Anna Narcisa Borges Taborda.

D. Elisa Amelia Borges Taborda.

D. Rosa da Trindade Borges Taborda.

Antonio Antunes d'Abreu e Mello, negociante, quarenta maior contribuinte, proprietario e vereador.

José Marques d'Oliveira, proprietario.

Agostinho Marques da Loura.

João Marques Gaspar, lavrador e proprietario.

Manuel Henriques, lavrador e proprietario.

D. Izaura de Vilhena d'Almeida Maia Ferreira.

Benedicto Augusto Ferreira da Cruz, proprietario.

Prior de Vagos, João de Miranda Ascenço.

Visconde de Valdemouro.

Francisco Manuel Couceiro da Costa, proprietario e quarenta maior contribuinte.

Maria da Annunciação Violante.

Padre Antonio Rodrigues de Campos, proprietario e capitalista.

Joaquim de Campos, proprietario.

José da Silva Gouveia, proprietario.

Manuel dos Santos Camarão Junior, proprietario.

Manuel de Campos, proprietario.

Luiza Rosa.

Padre Augusto Candido Figueira.

José dos Santos, marnoto.

Moysés da Trindade, marnoto.

José Antonio Ferreira, proprietario.

D. Maria Innocencia Ferreira.

Emilia Rosa Vareira.

Joanna Augusta Cardoso.

Maria Pereira Borges, proprietaria e industrial.

Manuel Maria dos Santos Freire, artista.

Padre Daniel Tavares Nogueira.

Antonio Ferreira da Encarnação, negociante e proprietario.

Antonio da Costa, proprietario.

José Ferreira Pinto de Souza, empregado publico.

D. Maria Emilia Pinto de Souza.

Eduardo Ferreira Pinto de Souza, empregado publico.

D. Amelia Ferreira Pinto de Souza.

D. Elvira Ferreira Pinto de Souza.

D. Emilia Ferreira Pinto de Souza.

Clara Ferreira Patacão.

Manuel Correia Ferreira de Souza, empregado publico e proprietario.

José do Nascimento Ferreira Leitão, negociante e proprietario.

José Marinho Ribeiro, quarenta maior contribuinte e negociante.

Thomé Pereira Veiga, industrial.

Ex-mezario e irmão da misericordia, José Monteiro Telles dos Santos, negociante.

Ex-mezario e irmão da misericordia Manuel Marques d'Almeida, artista.

Carlota Augusta Abrunhosa Telles.

Emilia de Jesus da Conceição Ferreira.

Luiza de Jesus Gonçalves.

João Maria Ribeiro, negociante e proprietario.

Maria de Jesus Ribeiro.

D. Amelia Augusta Rebocho Freire de Andrade e Albuquerque.

João d'Almeida, operario.

Antonia de Jesus d'Almeida.

Antonio Emilio Pereira d'Azevedo, prior de Alquerubim.

Padre José Correia de Miranda.

Antonio Soares d'Almeida, prior de S. João de Loure.

José Dias Ferreira, proprietario.

Margarida da Conceição.

D. Maria Correia de Bastos Amador.

Manuel Rodrigues de Bastos, proprietario e capitalista.

Antonio José Dias Correia, proprietario.

Francisco Rodrigues Lopes, proprietario.

José Maria Ferreira da Maia, proprietario.

Antonio Rodrigues Castanheira proprietario.

Antonio de Bastos Junior, proprietario.

D. Maria Ernestina d'Assumpção.

Manuel Maria Mendes Leal, professor publico.

Vicente Dias dos Reis, proprietario.

Joaquim dos Santos, proprietario.

Joaquim Martins de Abreu Junior, proprietario.

Manuel Marques, proprietario.

José Simões da Silva, proprietario.

Domingos Marques da Silva, lavrador.

Antonio Carvalho, proprietario.

Antonio da Silva, proprietario.

Venancio Correia de Saimel, proprietario.

D. Maria Amelia de Sá.

D. Anna Amelia Nogueira e Mello.

Maria Roza da Conceição.

Manuel Marques Fontes, proprietario.

Joaquim Marques da Silva Mello, capitalista e proprietario.

Joanna da Conceição Carola.

Ernesto Ferreira, proprietario.

Joaquim Dias dos Reis, capitalista e proprietario.

Clemente de Souza Mello, vice-prezidente da camara municipal d'Albergaria, proprietario e capitalista.

João de Carvalho, lavrador.

Manuel Maria Pires Alvares Mourão.

Padre Julio Pires Alvares Mourão, parocho d'Albergaria.

Francisco Pires Alvares Mourão.

Antonio Alvares Ferreira de Sousa, proprietario.

Luiza Delfina Correia Telles.

Antonio Fortunato d'Almeida.

D. Anna Adozinda d'Almeida Chuquere.

D. Maria Carlota Chuquere.

D. Margarida Salomé da Serra Chuquere.

D. Maria dos Prazeres Alvares de Carvalho Miranda.

D. Adelia Beatriz Alvares de Carvalho Miranda.

D. Adelaide Olympia da Graça Miranda.

José Marques de Lemos, negociante.

D. Roza Silveira dos Prazeres Alvares Carvalho Miranda.

D. Luiza Alice Alvares Carvalho Miranda.

Joaquim José Brandão, proprietario.

Bacharel Joaquim Antonio d'Almeida Miranda.

João Joaquim Machado Junior, empregado publico.

Antonio Fernandes Bexirão, lavrador.

Manuel Nunes Alves, proprietario.

Francisco Nunes Alves d'Almeida.

Manuel Machado, proprietario.

João Fortunato Almeida Coelho de Pinho.

Dr. Manuel Luiz Ferreira, Junior.

Domingos João da Silva, proprietario.

Manuel da Silva Paula.

José Luiz Ferreira Junior, empregado publico.

José Luiz Ferreira, proprietario.

Roza Emilia Augusta.

Maria Roza Ferreira d'Almeida.

Custodio Cazimiro, empregado publico.

Maria de Jesus.

Antonio Rodrigues Sebastião, negociante.

Lourenço da Trindade Salgueiro, empregado publico.

Antonio Vasco de Souza Pinto.

Joaquim Marques Pecegueiro, Junior, artista.

Manuel Ribeiro da Costa.

João Maria dos Santos, negociante.

Manuel Duarte dos Santos Gamellas, proprietario.

Antonio Duarte dos Santos Gamellas, proprietario.

José Simão, artista e proprietario.

José Simão Junior, artista.

João Duarte dos Santos Gamellas, proprietario.

Maria Adelaide Duarte dos Santos Gamellas.

José Pereira, operario.

Serafim Simões da Cunha, proprietario.

José Marques Vidal, prior de Requeixo.

(Continúa.)

O COMICIO

Tivemos ahi mais um comicio sobre a questão—*jezuitas*—especie que não existe por cá, mas como é moda fallar agora contra elles, Aveiro foi um dos pontos escolhidos para se fazer propaganda contra a religião e contra as instituições, a exemplo de Santarem, do Porto, Lisboa e Setubal.

Vieram os mesmos oradores que ahi prégaram no dia de S. João, e mais dois volumes a saber, o sr. Alves da Veiga, que já conheciamos, e o sr. Silveira que não temos a honra de conhecer.

Ignoramos se o sr. Manuel d'Arriaga reeditou o seu antigo discurso a favor da liberdade de cultos, o que daria em resultado favorecer as pretenções dos jezuitas; assim como tambem não sabemos se o sr. Magalhães Lima se referiu mais uma vez á fauna americana, exhibindo nova edição dos famosos corvos que por lá encontrou e que industriou para seu uzo na caçada do cysne, dando-lhes por scenario o Mississipi. E' de presumir porém que espectorasse mais algum invento da mesma bitola, para gaudio do rapazio travesso que o escutou e aplaudiu. Tudo rethorica byzantina, optima para enloilar pascacios, mas que na vida pratica não vale um maravedi.

Esta eloquencia importada não se dá bem em Aveiro, onde a demagogia não faz proselitos, por mais que esfalfe os pulmões. Entre cinco ou seis duzias de crentes, uma aluvião de curiosos, que nem os signaes e impaciencias do chefe da claque lograram arrancar ao indifferentismo, passeando e cavaqueando durante os discursos, que vinham na ponta da lingua dos oradores. O auditorio cansou depressa, e quando o sr. Arriaga uzou da palavra, desandaram para a rua os que tinham ido alli para ouvir cousas ineditas, e que sahiram desapontados, porque tudo correu peor que da primeira vez.

Desenganem-se: Aveiro não é republicano, nem jezuita, sendo a quasi totalidade da sua população muito temente a Deus, para se deixar embair pelos lundús de um punhado de especuladores politicos. E a prova está em que, em toda a festa, desde a meza até aos prégadores, só ha um rapaz, que é filho da cidade, mas que vive quasi sempre sobre as aguas do mar, sendo os outros todos de fóra, a maior parte adventicios, sem nenhuns interesses criados n'esta terra, ou que accidentalmente aqui vivem, pertencendo a outros concelhos e mesmo districto estranhos.

Se alguma côr teve a manifestação de domingo foi pois a de hostilidade ao existente, porque se botou lôa a favor da republica, que na França lucta com difficuldades, ralada pelas luctas intestinas e pela guerra latente que lhe fazem as nações estrangeiras. Mas ainda assim no orçamento do governo francez lá figura a dotação do culto catholico, e nos seus hospitaes civis, até da propria capital, são as irmãs hospitaleiras as encarregadas das enfermarias.

Os republicanos em Portugal fazem propaganda contra a religião, e prégam a expulsão das irmãs hospitaleiras, não lhes occorrendo que se o partido monarchico aplicasse o principio, seriam elles os primeiros expulsos por conspirarem abertamente contra a liberdade legal.

Mas se á demagogia impenitente lhe propinassem a doze de intolerancia, que ella pede para os outros, o que por ahi não iria de protestos e de indignações! E todavia os monarchicos sinceros, que não se arreceiam da propaganda, não se importam que haja clubs, centros e jornaes republicanos. Os sectarios da republica, porém, é que seguem outra vareda, no que attentam contra as leis.

Elles insultam a religião catholica e os seus ministros. Elles vociferam contra os que não transigem com os seus immoderados desejos, sacrificando tudo ás paixões, que se tornam cada vez mais violentas com a resistencia que encontram pela frente. Ameaçam, calumniam, recorrem ás ultimas insolencias, e com taes propositos conseguem só affastar de si a gente séria, a que tem que perder, a que prefere a ordem á anarchia, a liberdade á licensa, a religião ao atheismo, o bem ao mal; finalmente os que sendo liberaes e catholicos, os que amam a Deus e servem a constituição, que dá garantias a todas as classes sociaes, pela sua parte se congregam e fortalecem, oppondo assim um dique insuperavel á corrente de lodo, que procura sujar e diffamar tudo, supondo que só d'este modo poderão triunfar as suas ideias de destruição e vandalismo.

Mas a paciencia tambem se esgota, e não é o insulto grosseiro, nem a calumnia vilã que ha de suplantar a razão e a justiça. A consciencia publica vae-se indignando com a frequencia dos ultrages feitos á moralidade e á lei. E para a conter tem sido preciso empregar os meios que a prudencia e a moderação aconselham, para evitar que aos discolos seja aplicada a correcção que teem provocado.

Convençam-se todos, de que com tal gente não pode haver treguas. Toma a longanimidade por fraqueza, a tolerancia por covardia. Investe com tudo e com todos, e se as victimas de hontem, por uma presumida conveniencia de momento, tão ephemera, que nem chegará a ter consequencias apreciaveis, estão dispostas a esquecer e a perdoar, pela nossa parte nunca obtemperaremos á sugestões, que impliquem quebra da nossa dignidade. Nunca se dirá que em Aveiro uma minoria insignificante e facciosa, se impoz, levando de vencida a ordem e a liberdade.

Continuamos pois no nosso posto de honra, sem invectivas, nem esconjuros, e creiam que não nos intimidam, nem conseguem que affrouxemos na crusada a favor da ordem, da moralidade e da liberdade legal.

AO «COMMERCIO PORTUGUEZ»

Illudiram o contemporaneo ao dizerem-lhe que Aveiro toma parte na propaganda de intolerancia que ahi se levantou contra as irmãs hospitaleiras em serviço no hospital da misericordia. Quem ahi trata a questão é o partido republicano, que traz oradores de fóra, e constitue a meza com gente estranha á terra, para se fazer acreditar a distancia, que aqui reina grande excitação contra o que fez a meza administrativa, quando tudo é obra dos republicanos, em notavel minoria no districto e na cidade.

Estes são os factos, nem os dois comicios que ahi se fizeram exprimem outra cousa, não obstante os meios empregados para se tornarem concorridos, annunciando-se em cartazes pomposos os oradores, o que ainda assim deu pequenissimo resultado; porque apesar de ser em dia e hora em que todos os cidadãos se achavam disponiveis, a concorrencia limitou-se algumas centenas de pessoas de ambos os sexos e de todas as edades.

De indifferentes e curiosos era a maior copia. Fallaram os republicanos contra a religião, contra os padres, contra a constituição e até contra a dynastia. Foi uma *razia.* Abusaram da palavra, mas não foram perturbados n'esta propaganda com que minam as instituições, e se o fossem haviam de protestar, invocando a liberdade, que não é a licença, para conclamarem contra tudo e contra todos.

Accrescentaremos, para que o *Commercio* saiba de uma vez para sempre, que em Aveiro não ha jesuitismo, nem jesuitas, e que as irmãs hospitaleiras que existem no nosso hospital civil prestam optimo serviço á administração e aos enfermos, e por isso as conservam n'aquella casa de caridade onde não deve entrar politica, não offendendo a memoria dos mortos nem a presença dos vivos, o bem que ellas fazem n'um estabelecimento que deve estar superior a considerações estranhas aos deveres de humanidade.

Se não estamos em paiz de hotentotes, toda a gente séria deve pensar como nós. Não levemos pois tão longe as nossas preoccupações partidarias, que nos transformemos em canibaes. O que é bom na Regoa, em Villa Nova de Famalicão, em Braga, em Vianna, em Setubal e em Faro, não póde ser ruim em Aveiro, só porque um punhado de individuos que se dizem republicanos, não querem as irmãs hospitaleiras, e as agridem, com a demencia digna dos tempos nefastos, em que a inquisição povoava os carceres de innocentes, e arremessava ás fogueiras pessoas timidas ou desvalidas, com quem era preciso acabar em nome do terror, que em França levantou cadafalsos e determinou as carnificinas da Abbadie, da Conciergerie, de Lion, do Loire e de Nantes.

Nem a demagogia de Marat, nem as tyranias do conde de Basto. Nem Robspierre, nem Torquemada.

E' esta a nossa divisa, e já agora não renegaremos a doutrina, por nos parecer melhor que a das exagerações sangrentas, que horrorisaram o mundo, levantando de toda a parte um protesto de indignação contra os algozes.

PATARATICES

O redactor do *Seculo* enviou no domingo para Lisboa um telegramma do seu discurso no comicio, e depois como teve tempo commentou-o a seu sabor, attribuindo ás auctoridades locaes factos da sua invenção d'elle, como foram da sua invenção os corvos que nas margens do Mississipi caçavam cysnes. Nem Aveiro se oppõe á conservação das irmãs hospitaleiras no seu hospital civil, porque um pequeno grupo não é a população da cidade; nem o sr. governador civil facultou a assistencia d'aquellas sr.as, que estão ahi com direito egual ás que se acham em muitas das principaes terras do reino, onde a liberdade não está em perigo, nem sequer se vê assoberbada, pelo serviço relevante que ellas estão prestando á humanidade.

E depois um bocado de historia do homem dos corvos:

«Quando a meza que então dirijia a misericordia a que pertence o hospital, se aprontava para entregar as suas contas e proceder á eleição da nova gerencia, o governador civil substituto, tumultuariamente, apossou-se da direcção do hospital. Estava dado o primeiro passo. Em seguida as enfermeiras civis foram despedidas e, com um cinismo revoltante, substituidas pelas famosas irmãs hospitaleiras.»

Já viram maior desconchavo que o que contêm o artigo? Que Rochefort estropiasse a fauna americana, vá; nem todos fallam do que sabem, e a ignorancia foi sempre atrevida; mas que estruncasse a historia local, depois de ter vindo aqui fallar em duas reuniões publicas, é audacia, para não dizermos despejo, pouco invejavel.

Toda a gente sabe que o recenseamento da irmandade estava falsificado, e que á auctoridade administrativa foi presente uma denuncia firmada por alguns irmãos, apontando a falsificação. Foi em virtude d'ella que foram aprehendidos os livros da inscripção, excepto o da capa vermelha, que muito de industria desappareceu. A dissolução da meza motivou-a a apresentação do orçamento em 4 de julho, quando a lei determina que fosse apresentado em maio.

A nova meza tomou posse em 9 de julho, e as irmãs hospitaleiras entraram em 16 de março seguinte, isto é, 8 mezes depois, em consequencia de não ser idoneo o pessoal civil, tendo-se feito primeiro tres experiencias successivas, sem que dessem resultado satisfatorio.

Esta é a verdade historica, que toda a gente em Aveiro conhece, e por aqui se póde avaliar o que Rochefort disse no *Seculo* sobre a questão. E para que se saiba que ninguem se importou com o comicio, onde concorreu quem quiz, basta acrescentar que lá foram muitos funccionarios publicos, alguns dos quaes de confiança politica, que não tinham de assistir á reunião em virtude do seu officio.

Nós cá os liberaes praticamos estes actos de tolerancia, que ficam sempre bem aos partidos. Os republiqueiros veem até como affronta á liberdade a presença das irmãs hospitaleiras nas enfermarias, onde ellas prestam serviços relevantes á humanidade!...

Vejam e admirem a contradicção d'estes democratas de meia tigella, que negam a pés juntos que

Deus é Deus, e o homem livre.

CONTRADICÇÕES FLAGRANTES!

Os bufarinheiros de rhetorica avariada, que ahi arengáram ultimamente a meia duzia de papalvos n'um armazem mal cheiroso, entre muitas affirmações calumniosas que vomitaram contra tudo e contra todos, disseram que o Santo Padre andava, não descalço, como o Christo, mas de sandalias bordadas a pedras preciosas. E' uma patranha ridicula, e uma banalidade insulsa. Agora o que é verdade, e curioso, é vermos por ahi os *amantes da egualdade*, em vez de andarem a pé, repoltreados em fôfos carros, peralvilhos petulantes, e *afadistados;* e em logar de irem vestidos como os maltrapilhos assalariados que os applaudiam, lá estavam diplomaticos e apurmados, alguns até de rosa-chá na lapella, com ares de conquistadores, fazendo talvez rapa-pés a alguma *Angelina Vidal* do mexilhão!

*

Tambem os sabios oradores da praça do Peixe, passaram o diploma de—estupidos, a todos os que não seguem as suas asnaticas theorias. E' verdade que toda a sabedoria reside n'elles, mas de cada vez que abriam a bocca era asneira certa. Um dos taes berradores, até citou uma portaria de José Estevão!

*

Entre muito *palavriado chôcho*, cheio de logares communs, com applauso dos larvados cá da terra, *Jaymes* e *Joões* de todos os feitios, disseram os afamados meetingueiros, que era necessario guerrear a todo o custo a **estupida seita da Vera-Cruz,** isto é: destruir a crença religiosa do signal da Redempção, e que é a bandeira gloriosa da nossa freguezia; e houve catholicos, que, por facciosismo infame, ouviram estas e outras affrontas á religião, sem córarem de pejo! E mães de familia, que se dizem religiosas, não tiveram vergonha de ir ouvir taes heresias, para as repetirem cá fóra...

*

Mas berrando furiosamente contra os jesuitas, fugiu-lhes aos sabichões a bocca para a verdade, quando affirmaram que ha muito jezuita sem uzar o habito. Talvez fallassem em forca em casa de ladrão. Ha muito *liberalão*, que não faz caso da familia, mas não para bem da humanidade, como aquelles, mas sim por vil egoismo. Taes ha, que applaudiam as calumnias dos anarchistas sociaes, e que deixam andar os filhos a morrer de fome, em quanto elles se banqueteiam regaladamente... Outros que desprezam os seus, sendo necessario que as santas mulheres, que elles insultam, os tratem com o carinho, que as descaroadas mães lhes negam. Mas isto são factos, que todos sabem, não são invenções que a verdade desfaça.

*

Disseram tambem os republiqueiros que era «uma affronta ás mulheres d'Aveiro, a permanencia aqui das irmãs hospitaleiras». Figura de rhetorica estafada. Estâmos fartos de lhes dizer, que nos apresentem quem substitua digna e convenientemente aquellas senhoras, que ellas immediatamente lhes cedem o logar... mas a isso respondem, que as não teem, nem querem saber... Quer dizer, berram por paixão partidaria, não por amor do proximo... São instrumentos inconscientes da especulação politica, não defensores da prosperidade da Misericordia. Intrujões e papalvos em partes iguaes.

*

E a effervecencia, a excitação *que se nota* em Aveiro contra as irmãs hospitaleiras, onde está?!

Vejam os nossos conterraneos a consciencia com que ahi se escreve, e ajuizem por isso do resto.

NOTICIAS DIVERSAS

Ordens sacras.—O sr. bispo Conde confere ordens esta semana, em Coimbra.

Um cão da Terra Nova damnado.—Ha por ahi quem afirme que os cães da Terra Nova se não damnam. Puro engano. Em data de 17 diz um correspondente das Caldas das Taipas para um jornal do Porto o seguinte:

«Hoje um grande e formoso cão da Terra Nova, pertencente a um dos marchantes que aqui residem, foi atacado de hydrophobia, tendo-se lançado a um outro cão com tanta ferocidade que o matou. Causou um panico terrivel em toda a população: as portas fecharam-se e muitos queriam recolher-se ás casas fugindo espavoridos; até no edificio dos banhos muitos se acolheram. Fez-se uma montaria ao cão que foi afinal morto sem ter causado mais damno algum, a-pesar da terrivel ferocidade de que estava possuido. *C. G.*»

Acautele-se e acautele os outros quem não prescindir do *prazer* de ter um cão.

Abundancia viticola.—Em Leiria as videiras estão por tal fórma carregadas de fructo que os lavradores temem que tanta producção, a continuar assim, em pouco tempo mate as cepas, cançadas de produzir. O preço menor por que o vinho se tem vendido é a 30 réis o litro, ou seja 10 réis o quartilho.

Em Felgueiras tambem se tem vendido muito barato o vinho. Para o estrangeiro tem ido muito, mas não o bastante para despejar as adegas.

Como os lavradores precisam das vasilhas para a nova colheita, a maior parte abriu as suas adegas e vende-se vinho ao retalho, muito bom, pelo preço de 10 réis o antigo quartilho.

O CAMINHO DE FERRO DO VALLE DO VOUGA

VI

Tanto por escripto como vocalmente, tem sido e ainda hoje são muitas e muito diversas as opiniões ácerca do *terminus*, que deverá ter o caminho de ferro do Valle do Vouga.

Apontou-se para *terminus* do caminho de ferro do Valle do Vouga, a villa de Estarreja, bem como tem havido quem indique para isso a villa de Ovar, Canellas, Oliveira do Bairro (!), Avanca, Angeja, Cacia e talvez outros pontos.

*

O terminar o caminho de ferro em Estarreja ou em Canellas, poderia ter a vantagem de não ser mister prolongar-se tanto, para ter o seu entroncamento na *linha* do Porto a Lisboa. Mas nem a villa de Estarreja tem importancia superior a Aveiro e muito menos a tem Canellas, freguezia das menos populosas d'aquelle concelho.

Estarreja já hoje possue, além de outras, uma estrada, que a liga com Vizeu e que todos os dias é percorrida por diligencias e carros de diversos generos, que transportam passageiros e mercadorias.

Além da estrada para Ovar (em construcção), foi, ha pouco, dotada com a estrada districtal, que, partindo da Bestida (defronte da Torreira) e passando por o centro da villa e por o local da feira do Santo Amaro, passará perto de Sever do Vouga e terminará em S. Pedro do Sul ou nas suas proximidades.

Estes melhoramentos, a abertura do seu esteiro, a estrada d'Aveiro a Ovar, passando pelo centro da villa de Estarreja, se não podem compensar as vantagens de uma nova via ferrea, attenuam bastante essa falta.

Demais, nem Estarreja está n'um ponto central com relação ao Porto e a Coimbra, nem a sua praia de banhos póde, como a da barra d'Aveiro, ser frequentada sem se percorrer uma grande distancia, parte da qual é preciso atravessar em barco.

E se o *terminus* for em Angeja, ou alli houver uma estação (como é de justiça), não será difficil a ligação d'esta com a villa de Estarreja por um caminho de ferro americano ou por um caminho de ferro de *via reduzida*, podendo, talvez, para isso aproveitar-se em grande parte o leito da estrada, que liga aquellas duas localidades.

*

O terminar em Ovar o caminho de ferro do Valle do Vouga, poderia ter a vantagem de aproximal-o mais do Porto. Tornar-se-ia, porém, o trajecto mais longo e não seria mister tal sacrificio.

Em breve haverá um caminho de ferro, que, partindo da costa do Furadouro e passando em Ovar, onde cruzará com a *linha* do Porto a Lisboa, terminará em Vouzella ou em S. Pedro do Sul, cruzando, alli, com o mesmo caminho de ferro do Valle do Vouga.

Já se vê, pois, que Ovar póde bem prescindir d'este melhoramento e o caminho de ferro, que alli terminasse, seria o mesmo, que já está concedido, e que deve passar em Oliveira d'Azemeis.

O caminho de ferro em questão, terminando em Ovar, deixaria de ser o caminho de ferro do Valle do Vouga, e ou seria o mesmo, a que já nos referimos, ou teria de ser-lhe quasi parallelo até certo ponto, formando depois um angulo agudo, cujo vertice seria na estação de Ovar!

E caso muito identico a este ultimo, se daria, se o caminho de ferro do Valle do Vouga, partindo de Angeja ou das proximidades d'esta freguezia, tivesse de ir terminar em Canellas, em Estarreja, ou em Avanca.

*

Demais, para que Vizeu fique em rapida e immediata communicação com o Porto, é mais que sufficiente o caminho de ferro, que, partindo d'aquella cidade, deve ter o seu entroncamento na estação de *Recarei*.

E, se os habitantes das duas Beiras podem aproveitar com um caminho de ferro, que tenha o seu *terminus* em Ovar, não aproveitarão menos com um que tenha o seu *terminus* em Aveiro.

Se d'Ovar e d'Estarreja podem receber os productos maritimos e os da ria, egualmente os podem receber de Aveiro e muito melhor estes ultimos, já pela proximidade do caes, já por que podem receber os productos das salinas dos concelhos d'Aveiro e Ilhavo.

Além d'isso, Aveiro é um porto de mar e por isso o commercio maritimo deve, mais que em qualquer dos pontos indicados, concorrer para, mais tarde ou mais cedo, aqui haver um grande movimento de mercadorias.

*

E se Ovar tem hoje no Furadouro uma praia de banhos, pittoresca, bella e muito commoda, não deixa Aveiro de ter egual vantagem. Na Barra ha uma praia de banhos, que não é menos commoda; que tem communicação com a cidade pela ria e pela estrada; que, em breve, a terá pelo caminho de ferro americano; que offerece a variedade da entrada e saída das embarcações; que póde proporcionar passeios fluviaes e terrestres; e que apresenta o sublime espectaculo da ria, com suas marinhas, seu grande numero de barcos e outros objectos attrahentes.

*

Bem sabemos, que Ovar é uma villa importante pelo seu commercio, seus edificios, seus estabelecimentos e sua população, superior á d'Aveiro e d'outras cidades do nosso paiz.

Bem sabemos, que os productos da sua pesca maritima podem concorrer, para que a estação do entroncamento ou do *terminus* de um caminho de ferro tenha um grande rendimento.

Mas, para aproveitar-se de tal vantagem, bastará o caminho de ferro, a que já nos referimos. Além d'isso, muitos dos productos das costas, confinantes com a nossa ria, são por esta transportados em barcos para o caes d'Aveiro e d'aqui despachados no caminho de ferro para diversos pontos do paiz.

E, se isto acontece actualmente, quando para a Beira Baixa não ha directamente um caminho de ferro, mais deve esperar-se, que venha a acontecer, quando haja um caminho de ferro d'Aveiro para Vizeu, que depois deverá continuar para a Guarda, tendo o seu entroncamento em Celorico (da Beira) e da Guarda para Ciudad-Rodrigo, na Hespanha.

Ficariam assim ligadas as capitaes de tres districtos entre si, e todas com o visinho reino.

*

O ser o *terminus* em Avanca não offerece mais vantagens, do que em Ovar ou em Estarreja, posto que Avanca seja uma freguezia populosa e onde a agricultura tem tomado grande desenvolvimento.

Ha hoje ali um apeadeiro. Tambem poderá haver um em Canellas, pequena freguezia do concelho de Estarreja situada muito perto d'esta villa.

*

Cacia é uma populosa freguezia do concelho d'Aveiro. E' proxima do Rio Vouga, mas nem este rio termina ali, nem o local, onde pode haver o entroncamento, se tornará apto e accessivel para o embarque e desembarque de mercadorias, se para isso se quizer aproveitar a via fluvial.

Não ha ali um porto de mar, nem praia de banhos, nem ali póde o commercio ter o desenvolvimento, que póde ter em Aveiro, em cuja estação ha de, por certo, dar-se todo o movimento de mercadorias d'este concelho e do concelho de Ilhavo, havendo depois de ter logar o trasbordo em Cacia, no caso de ser ali a estação do *terminus*.

E o mesmo caso se dará, se a estação fôr em Canellas. Cacia fica, apenas, a seis kilometros d'Aveiro. Já se vê, que não póde haver grande differença na despeza de construcção desde o ponto, em que a linha, deixando de seguir para Cacia, siga para Aveiro, onde o largo da estação e o actual edificio d'esta poderá servir para as duas linhas com alguns acrescentos.

Evita-se assim o dispendio na construcção de um novo edificio completo e na expropriação de terreno para este e para a collocação das *linhas*, que lhe devem ficar juntas.

Adiante faremos outras considerações, para corroborar estes argumentos.

Continuaremos. O.

COMMISSÃO DISTRICTAL

SESSÃO DE 18 DE JULHO DE 1888

Presidencia do ex.^mo^ sr. dr. José Maria Barbosa de Magalhães.

Presentes, o secretario Manuel Pereira da Cruz, faltando por motivo justificado o vogal, o ex.^mo^ sr. Visconde de Valdemouro.

Aberta a sessão pelas 10 horas da manhã do dito dia, a Commissão Districtal executiva da Junta Geral tomou conhecimento dos seguintes negocios:

Foi presente o balanço do movimento do cofre da Junta Geral durante a semana finda em 15 do corrente, sendo a receita o saldo que passou da semana antecedente na importancia de 8.459:587 reis e a despeza de reis 1.547:045, passando para a semana seguinte um saldo total da quantia de 6.912:542 reis, sendo 649:950 reis representados por papeis de credito e o resto em metal, existindo mais em cofre 282 obrigações de 90:000 réis nominaes, pertencentes ao emprestimo contrahido com a Companhia Geral do Credito Predial Portuguez.

Foi tambem presente o officio do ex.^mo^ sr. governador civil d'este districto n.° 1:061 (a), 1.ª Repartição, de 13 do corrente, participando que por despacho de 7 d'este mez, fora deferido o pedido d'esta Commissão sobre a concessão do subsidio de 300:000 reis para auxiliar a fundação do Asylo-Escola d'este districto.

Foram igualmente presentes os resumos das deliberações tomadas pelas seguintes camaras municipaes:

Feira, da semana finda em 23 de junho, entregue ao administrador do concelho em 1 do corrente.

Agueda, de 24 de junho, entregue em 4 do corrente.

Estarreja, da semana finda em 24 de junho, entregue em 4 do corrente.

Anadia, de 16 de junho, entregue em 2 do corrente.

Aveiro, de 14 de junho, entregue em 28 do mesmo mez.

Oliveira do Bairro, de 14 e 22 de junho, entregues em 4 de julho corrente.

Deliberou proferir no requerimento de Manuel Borges e Silva, d'Avanca, concelho de Estarreja, em que pedia indemnisação pelo prejuizo que soffreu a sua casa no logar de S. Sebastião com a construcção do lanço da estrada districtal n.° 27-H, entre a Presa e os limites do concelho de Ovar, o seguinte despacho:—Como as despezas de viação districtal passaram para o Estado, pelo decreto com força de lei de 24 de julho de 1886, á excepção das resultantes de contractos legalmente celebrados antes, em que não está comprehendida aquella a que se refere este requerimento, não podemos deferir.

Procedeu á distribuição das quotas com que as camaras municipaes d'este districto têem de concorrer no corrente anno civil, para as despezas com expostos menores de 7 annos, que existiam em 31 de dezembro de 1886, na importancia orçada de 2:031$755 reis, distribuida na proporção da população dos respectivos concelhos, em conformidade do artigo 60 do Regulamento de 5 de janeiro de 1888, pertencendo á camara de Agueda 142:295 reis;—Albergaria, 99:000 reis;—Anadia, reis 120:010; — Arouca, 120:290 reis; — Aveiro, 161:270 reis;—Paiva, 65:030 reis;—Estarreja, 236:950 reis;—Feira, 294:935 reis;—Ilhavo, 64:640 reis;—Cambra, 86:390 reis;—Mealhada, 67:285 reis;—Oliveira d'Azemeis, reis 196:120;—Oliveira do Bairro, 66:360 reis; — Ovar, 170:475 reis; — Sever, 64:590 reis;—Vagos, 76:115 reis.

Deliberou communicar esta distribuição ás mesmas camaras, declarando-lhes que a quota que por ella lhes pertence, póde ser paga pela verba votada nos seus orçamentos do corrente anno, para despezas com expostos menores de 7 annos, que são obrigatorias pelo artigo 141 n.° 30 do Codigo Administrativo.

CARTA DE LISBOA

23 DE JULHO DE 1888.

Recordo-me de ter lido no *Campeão* a noticia da fuga por vezes e em differentes pontos repetida, d'um tal José Maria Tavares, de Sever do Vouga, que, preso por ladrão em differentes cadeias d'esse districto, teve sempre o *cuidado* de fugir d'ellas, escapando-se pelas mais estreitas grades como uma enguia, pois que tem quasi a configuração d'este bem conhecido peixe—tão esguio e elastico é. Pois este *cidadão*, que conta apenas 18 ou 19 annos, acaba de fugir da Penitenciaria, onde estava cumprindo sentença que lhe fora applicada na comarca d'Agueda. Conta assim o caso e com muita graça um jornal d'aqui.

FUGA D'UM PRESO DA PENITENCIARIA

Um Benevenuto de Sever do Vouga—Captura

Ha n'um romance de Dumas, Pae, no Arcanio se bem nos lembra, a descripção pittoresca do aventuroso Benevenuto Cellini, que se escapa de todas as prisões, por mais cautelosamente guardadas. Não sabemos se no Castello de Sant'Angelo se na Bastilha, ou em que outra prisão afamada, Benevenuto recebia amiudadas visitas do director, empenhado em procural-o pessoalmente a diversas horas do dia e da noite, para lhe transtornar qualquer plano de evasão. O immortal artista, sorria da vigilancia e dizia-lhe:

«O senhor tem um trabalho baldado. Por mais que faça eu hei-de encontrar meio de me escapulir.»

«D'aqui?! Só se fôr voando.»

«Pois será voando. Arranjarei umas azas, como Icaro,—mas que não se derretam com o sol, por causa dos trambulhões»

O governador carcereiro tomou o caso a serio, pediu que o exonerassem, mas Benevenuto lá encontrou afinal, antes d'isso como lhe tinha dito, meio de o illudir e de se safar.

Da força do divino esculptor é um tal José Maria Tavares, natural de Sever do Vouga, districto d'Aveiro,—gatuno emerito e vadio incorrigivel. Por motivo d'estas prendas foi o homem já condemnado a prisão grande numero de vezes, e quatro se escapou das cadeias onde o engaiolavam. Ultimamente veiu para a Penitenciaria, condemnado a 2 annos de prisão cellular. O juiz ao ler-lhe a sentença, disse-lhe:

«D'alli é que lhe ha-de custar a escapar-se.»

E o Tavares, sorrindo ironicamente, tal qual o Benevenuto Cellini, replicou-lhe:

«A unica prisão capaz de reter... seria a cadeia dos seus braços, senhor juiz...»

Chegou o Tavares a Lisboa e foi levado para a Penitenciaria. O homem trazia empenhados os seus brios, para fugir em breve, e principiou a parafusar no modo de justificar o que dissera ao sr. juiz que o condemnara. Como é do estylo, ao entrar na Penitenciaria o José Maria Tavares, foi lavado e barbeado. Raparam-lhe o cabello e entrajaram-n'o com a farpella de casa. Nos primeiros oito dias conservam-se os presos incommunicaveis. Só depois é que teem o seu passeio ao jardim. Ora o Tavares parece que nem sequer ainda chegara a esse periodo de regalia do regimen cellular. Logo que se viu na cella, reparou n'uma fresta destinada a alluminar o pequeno cubiculo. Teve um sobresalto de prazer e fez, mentalmente, um gaiato *pied de nez* ao sr. juiz. A noite passada foi-se aos lençoes da cama, que eram novos e por isso lhe forneceram uma corda de excellente resistencia, que elle teceu e preparou cuidadosamente. Içou-se até á fresta, não quiz saber da altura em que cairia, nem aonde iria parar e... catrapuz! Foi bater com os ossos sobre um caixote grande, n'uma sala, proxima ao quarto em que dormiam os guardas. E tão bemaventuradamente dormiam aquelles varões justos, que não acordaram com a bulha!

Tavares levantou-se, apalpou-se, e viu que estava sem lesão que o impedisse de continuar a procurar a desejada saida. Continuou andando. Estava um luar magnifico. Saltou o primeiro fosso e galgou depois até ao muro exterior. Nada menos de 20 metros de altura! Mas por baixo d'essa muro enorme ia a entrada que o conduziria direitinho á Avenida na Liberdade. Da *liberdade*, note-se bem. Não hesitou mais. Despenhou-se do alto, e veiu rolar em baixo, enovelado como uma bola,—mas como um bola de borracha, pulou intacto! Apenas n'uma das mãos uma leve arranhadura insignificante!

Que sorte! O Tavares ia pulando de contente por ali fóra, seguindo a estrada da circumvallação. Foi indo até Alcantara. Como não conhecia a cidade, entrou ali as portas e indagou, d'uma mulher, por onde devia ir para a estação de Santa Apolonia.

—Vá indo sempre, sempre adiante do nariz, disse-lhe ella, e vae lá dar direitinho como um fuso.

E assim fez o Tavares, de Sever do Vouga.

Entretanto, na Penitenciaria fôra descoberta a fuga—e dado aviso á policia. Os telephones trabalharam para todas as esquadras, dando os signaes do fugitivo e indicando o traje que elle levava. Vinha um policia já d'uma d'essas esquadras com o aviso, quando deparou com o figurão. Seguia este sempre em frente do nariz,—como a mulher lhe recommendára, e ia, ao tempo, Ribeira Velha fóra:

—O senhor traz o fato dos presos da Penitenciaria?

—E' verdade. Acabei de cumprir lá sentença. Aquelle director é um santo homem! O senhor não faz idéa! Eu não tinha nada que vestir, e elle então, coitado! disse-me que viesse com este, que elle lá o pagaria á casa, do seu bolsinho particular. Não é verdade que é um santo homem?

—A sua historia commoveu-me, disse-lhe o policia. Tambem eu lhe quero ser util. Venha d'ahi até minha casa que não ha-de fazer a sua viagem sem almoço.

E dando-lhe o braço levou-o para a esquadra.

Pobre José Maria Tavares, pobre Benevenuto de Sever do Vouga! Tão bem que tudo tinha corrido! Escapar aos tombos; escapar á tal prisão, d'onde se dizia que ninguem se escapava—e afinal não conseguir partir no comboyo libertador, e não poder ir fazer uma bella troça ao sr. juiz!

Afinal fica apurado uma coisa; é que até da Penitenciaria se foge. Parece-nos que esta proesa do Tavares vae dar um alegrão e esperanças a muita gente...

— Realisou hontem no salão de D. Maria a segunda conferencia o nosso amigo e illustre professor José Julio Rodrigues. A sala e as duas galerias estavam litteralmente cheias, agglomerando-se ás portas uma grande multidão de ouvintes, que não lograram encontrar cadeiras. A's 2 horas ha tarde subiu a uma pequena tribuna, collocada no fundo do salão, o illustre e insigne conferente, e durante duas horas, a sua palavra fluente e sympathica, teve suspenso o auditorio. Com uma profusão extraordinaria de conhecimentos, adquiridos uns no estudo aturado dos livros, colhidos outros pela propria observação nas cidades principaes do estrangeiro, o sr. José Julio Rodrigues dissertou brilhantemente sobre a sciencia, os homens de sciencia, as relações da sciencia com a industria, e o progresso d'esta nos paizes mais avançados. Referindo-se á remodelação actual do nosso ensino industrial, o insigne conferente citou, com phrases de louvor, o ministro que a promoveu. Lamento que o tempo me não permitta dar uma noticia mais circumstanciada d'esta interessante conferencia, que valeu ao illustre professor mais uma homenagem de sympathia e de verdadeira admiração do publico illustrado que o escutou.

— Está escolhido o dia 1 do proximo mez de agosto para suas magestades seguirem para o estrangeiro na viagem em que el-rei irá completar o seu restabelecimento, como lhe aconselham os medicos. Sua magestade el-rei irá por mar, a bordo de *Bartholomeu Dias*. Da sua casa acompanham-n'o os srs. D. Francisco de Almeida, Fernando Serpa e May Figueira. Sua magestade a rainha irá por terra, seguindo directamente para Paris, d'onde irá encontrar-se com el-rei em Genova. A sr.ª D. Maria Pia vae depois tomar as aguas, n'uma estação, na Austria. El-rei é provavel que entretanto emprehenda algumas viagens no Mediterraneo. Depois irá a Berlim, a Vienna, e talvez a S. Petersburgo. Os dois reaes esposos tornarão a encontrar-se em Genova, para irem assistir ao casamento do duque de Aosta, em meados de setembro.

— E' espantosa a crise industrial, por que está passando em Portalegre aquella cidade. Das tres fabricas de lanificios importantes, em que ali se empregavam centenas de operarios dos dois sexos, apenas uma arrasta uma apparencia de vida, empregando meia duzia de individuos. A fome deixou de ser uma figura de rhetorica: é uma triste realidade hoje n'aquelle districto. Só a intervenção do Estado ou do capital intelligente e activo poderia salvar aquelle centro industrial, aquella pobre gente e aquella industria moribunda. Olhe por isto quem pode. Ponha-se termo a esta ironia cruel que resulta das festas da industria, das congratulações e dos banquetes destinados a celebrar-lhe a prosperidade á hora em que uma cidade de trabalhadores agonisa, á falta de trabalho, com a industria que lhe deu renome, e em que as pequenas fortunas se vêem paralysadas e em vesperas de completa ruina, em meio d'aquella crise tremenda!

— Tem experimentado notaveis allivios o sr. conselheiro Ferreira Lapa, distincto professor e funccionario. O seu estado, porém, é ainda bastante melindroso.

—Verificou-se hontem ao meio dia, no bazar da infancia Cega, á Avenida da Liberdade, a distribuição do bodo aos pobres, com que a camara de Lisboa solemnisa a approvação do projecto das zonas. Assistiram todos os vereadores, que entregaram os bodos, ao batalhão escolar e aos asylados municipaes. Foram contemplados mil e duzendos pobres, e cada esmola constou: de meio kilo de carne, meio kilo de arroz, meio kilo de pão e 200 reis em dinheiro, tudo isto dentro de uma alcofa. A importancia do bodo andou por 480$000 reis, e foi assim decomposta: dinheiro 240$000 reis, carne 144$000 reis, arroz 51$000 reis, pão 36$000 reis, alcofas 9$000 reis. Total 480$000 reis. Tocou a fanfarra dos batalhões municipaes. Depois do bodo, começou a venda das sortes, no elegante pavilhão do bazar da Associação Promotora do Ensino dos Cegos, desde o meio dia até á noite. Foi uma festa agradavel.

Y.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 16

Audiencia real concedida ao ministro do rei de Sião.

Mappa do movimento dos espolios dos portuguezes fallecidos na area do consulado do Maranhão, referido ao mez de julho de 1887.

Concessão de differentes mercês honorificas.

Varios despachos da secretaria do gabinete da fazenda.

Despachos de varios empregados para correios e telegraphos.

Diario de 17

Decretos concedendo a exoneração ao ministro da marinha e nomeando interinamente o ministro dos negocios estrangeiros para a pasta da marinha.

Varios despachos de empregados para a alfandega.

Portaria nomeando uma commissão para estudar a doença nas plantações de tabaco da região do Douro.

Relação dos portuguezes fallecidos na area do consulado do Pará, referida ao mez de outubro de 1887.

Diario de 18

Portaria nomeando arbitros, por parte do governo, para a expropriação dos valores da Companhia Nacional de Tabacos, em liquidação, o conselheiro Barros Sá e o sr. Serra Moura, o arbitro para desempate o conselheiro Sá Brandão.

Portaria mandando observar provisoriamente algumas disposições relativas ao imposto sobre os alcoos e aguardentes fabricados nas ilhas.

Relação dos portuguezes fallecidos na área do consulado do Rio Grande do Sul, desde agosto a outubro de 1887.

Despachos de varios empregados para correios e telegraphos.

Diario de 19

Varios despachos ecclesiasticos e judiciaes.

Relação dos portuguezes fallecidos na area do consulado da Bahia, referida ao mez de outubro de 1887.

Conta do tesouro do continente do reino referida ao mez de maio de 18888.

Boletim militar do ultramar.

Despachos de varios empregados para os correios e telegrafos.

Diario de 20

Mappa do movimento dos espolios dos portuguezes fallecidos na area do consulado de Pernambuco, referido ao mez de setembro de 1887.

Diario de 21

Annuncio da direcção geral da thesouraria para o pagamento das obrigações da Companhia nacional de tabacos.

Contas do thesouro de fóra do continente do reino de janeiro a março do corrente anno.

Mappa do movimento dos espolios dos portuguezes fallecidos na área do consulado da Bahia referido ao mez de agosto de 1887.

Mappa das patentes de invenção concedidas e caducadas, referidos aos mezes de abril e maio de 1888.

NOVAS DE LONGE

A imperatriz Victoria presa.—O espirito nacional dos inglezes está muito excitado pela noticia de que, em Allemanha a perseguição affrontosa que tem sido movida ao dr. Mackenzie, alcança tambem a augusta viuva de Frederico III, a virtuosa senhora que com tanta coragem defendeu a vida e os direitos do esposo.

A *Pall Mall Gazette* publicou ha dias em grossos caracteres, a seguinte carta do seu correspondente em Berlim, que produziu enorme sensação em Londres:

Todos sabem, e vi-o eu com os meus proprios olhos, que no momento exacto do fallecimento de Frederico III, uma nuvem de soldados cercou o palacio de Friedrichskron fechando-lhe todas as saidas. Durante muitas horas, a ninguem foi permittido sair do palacio ou entrar n'elle.

Qual era o fim d'este indecente bloqueio? Contou-se n'essa época que a estranha precaução tinha sido destinada a pôr em segurança os papeis particulares do imperador, e especialmente as folhas d'um diario que elle redigia pelo seu proprio punho, e em que expunha o seu modo de pensar sobre as questões do Estado. Além d'isso, não se consentiu que os papeis em que elle, nos ultimos tempos, escrevia os seus desejos e os seus pensamentos por já não poder fallar, ficassem em poder das pessoas que os tinham guardado; foram recolhidos todos os que continham a minima reflexão ou qualquer pedido.

Tambem se assevera que as malas d'um certo medico (Mackenzie, seguramente) foram apprehendidas na fronteira e reenviadas a Berlim, para ahi serem examinadas pela chancellaria.

Mas o que despertaria sentimentos bem differentes, se fosse verdade como muita gente de Berlim assevera, seria estar uma alta personagem, muito chegada á Inglaterra e muito querida dos inglezes, e tambem muito querida e intima do defuncto soberano, chorando noite e dia em Friedrichskron, n'um palacio transformado em verdadeira prisão. Todos devem suppôr, é claro, que este boato é uma invenção abominavel. Todavia, em toda a parte aonde vou toda a gente me diz que a imperatriz Victoria está virtualmente presa na sua actual residencia. Receio muito, pelo menos, que S. M. não tenha a esperar muitas deferencias da parte dos hemens que hoje estão no poder.

Note-se bem, estamos já acostumados a ouvir os francezes attribuir á côrte e ao governo da Allemanha toda a especie de infamias, e a não lhes dar credito; mas d'esta vez são os inglezes os accusadores. Será verdade o que elles dizem?

O crime de Madrid.—Ainda nada de averiguado, nada que possa lavar a justiça por um caminho seguro. Por outro lado uma grande desconfiança da opinião publica quanto ao modo como tem seguido este notavel processo.

Para não accumular informações, de que ainda não podemos concluir nada com segurança, limitamo-nos a transcrever do *Liberal* os seguintes trechos:

...«o que a opinião publica pede é que tão horroroso crime não fique impune, que a justiça não seja burlada, que se averigue dentro em pouco quem são os auctores do sangrento drama da rua de Fuencarral. Até agora differem mui pouco umas das outras todas as versões que teem corrido. Em quasi todas ellas se misturam os nomes de Medero, Varela, Lassa e Avelino Gallego. Em todas ellas desempenha a parte principal Higina Balaguer. Que papel representou cada um d'elles n'este crime? Quem são os innocentes? Quaes os culpados? Que grau de responsabilidade tem cada um d'elles? A opinião publica, enganando-se certamente, tem como ponto de fé que Varela sahiu da Penitenciaria. Tão persuadidos estão todos d'isso, que ninguem se cansa em perguntal-o. O que se pergunta, cada vez mais insistentemente, é:

— Está Varela innocente? Poderá saber-se por fim quem são os culpados?

Um dado importante

Um empregado do telegrapho que conhecia ha muito a viuva Varela e esteve na sua casa da rua de Fuencarral poucos dias antes do crime. Fallaram de varios assumptos e parece que D. Luciana lhe disse por fim:

— Tirei agora do banco uma somma importante.

— Para que fez você isso?

— Porque pensava empregar o dinheiro n'um negocio bom que me propozeram.

— E está resolvida a entrar n'esse negocio?

— Não. Não foi por diante. E por isso penso em metter o dinheiro novamente no banco. Quer acompanhar-me ámanhã, quando fôr fazer o deposito?

— A'manhã é-me impossivel. Mas direi a meu filho que a acompanhe.

No dia seguinte o filho do empregado foi a casa de D. Luciana, mas não a encontrou. Parece que recebeu uma carta e um recado de D. Luciana, que dizia:

— Hei-de avisal-o de quando vamos fazer o deposito.

Foram, este empregado do telegrapho e sua mulher, o par que, na manhã do dia do crime, procurou D. Luciana na rua do Fuencarral, como contou o guarda portão.

De tudo isto deduz-se (e o banco poderia esclarecer o caso) que a somma que D. Luciana fôra tirar, não tinha voltado para o banco.

Ora bem. Onde está esse dinheiro? Encontrou-se? Quem o tem?

Novas acareações

Foram chamados á presença do juiz, Rafo, um sujeito que dissera ter visto Varela na noite de 23 de junho, ceiando no café de Madrid, e um criado d'este café, que negou o facto.

Cada um persistiu na sua e nada se apurou. O cocheiro Marcellino, que se parece, á primeira vista, com Varela, e veste como elle, foi tambem chamado. Varela tinha dito, na penitenciaria, que era facil que tomassem por elle o cocheiro, attenta a semelhança de ambos.

Marcellino disse só conhecer de vista Varela. Do que declarou tambem nada se concluiu de util para o esclarecimento da justiça.

Varela foi acareado com os porteiros da casa 109 da rua de Fuencarral, com o dono d'uma taberna da mesma rua e com o da loja de bebidas.

Todos negam ter visto Varela no dia em que se commetteu o crime.

Varela continua negando que tivesse saido da cadeia.

Declararam tambem Medero, Lassa e Gallego, que protestaram novamente a sua innocencia.

Termo da pena

J. V. Varela terminou hontem o cumprimento da pena de tres mezes de prisão por furto d'uma capa.

Não obstante, continuará preso e incommunicavel, visto estar envolvido no processo do crime da rua de Fuencarral.

A este respeito pergunta o *Liberal*:

«Porque é que o juiz instructor processou Varela?

Não dizem todos os empregados da penitenciaria que Varela não saiu d'ali?

Não se viu na soltura de Millan Astray uma prova de que o filho de D. Luciana não tomára parte no assassinio de sua mãe?

O que ha aqui»?

Higina foi novamente acareada com Varela, e insistiu em dizer que fôra elle o assassino.

Uma rapariga, que foi algum tempo criada de D. Luciana, e saiu de lá por não poder soffrer J. Varela, declarou em juizo que este tinha um genio insupportavel, e que fratava muito mal a mãe,

Declaração importante

O guarda portão da casa n.° 6 da rua do Noviciado disse que tinha visto passar, na tarde de 1 de julho, Higinia Balaguer com outra rapariga mais baixa do que ella.

Por emquanto, o maior mysterio, ainda.

Projectos de Frederico III.—O correspondente parisiense d'um jornal italiano, a *Tribuna*, diz que viu uma carta escripta por uma pessoa intima do fallecido imperador Frederico III. Esta carta contém a seguinte passagem:

«As duas coisas que mais preoccupavam Frederico III eram o casamento de sua filha Victoria, e a situação da Alsacia Lorena. Todos os seus pensamentos se encontravam n'estes dois problemas, e para ambos tinha acabado por achar uma solução commum ou pelo menos uma tentativa de solução. O seu projecto bem assente era dar a mão de sua filha ao principe Alexandre de Battenberg, e nomear em seguida o principe governador da Alsacia-Lorena.

«Um governo quasi autonomo serviria de transição para uma solução definitiva, e taes eram as proprias, palavras do soberano: «A Allemanha ficava então livre do cancro que a corroe desde 1870, como me livrarão talvez um dia do cancro que corroe a minha garganta.»

Entre os seus intimos, o imperador desenvolvia esta idéa: a Alsacia-Lorena tornado estado independente, a Allemanha e França reconciliadas, a Europa desarmando e deixando emfim respirar livremente os povos.

Papeis secretos.—Os jornaes estrangeiros continuam a occupar-se de certos papeis secretos,—a que aqui já nos temos referido,—encerrando importantes documentos militares e diplomaticos, pertencentes a Frederico III e que foram subtraidos, estando actualmente nas mãos da rainha de Inglaterra.

Tem-se feito commentarios de todas as especies, e alguns sem o menor fundamento.

O *Jornal des Debats* insere alguns pormenores, que affiança serem verdadeiros, sobre a natureza d'esses documentos. Trata-se de duas circumstanciadas *Memorias* redigidas conforme relações dos agentes militares secretos da Allemanha nas capitaes dos grandes estados europeus: Inglaterra, Austria, França, Russia, Italia, Hespanha e Turquia, e indicando as forças d'estes paizes e os seus meios de defeza. O segundo é resumo dos relatorios dos chefes de embaixadas e legações allemães nos seguintes estados: Inglaterra, França, Hespanha, Belgica, Paizes Baixos, Austria, Italia, Suecia e Noruega, Russia, Roumania, Turquia e Grecia

N'esse documento indicava-se principalmente o grau de cohesão das suas potencias e os laços que unem cada governo com a população.

Sob este ultimo ponto de vista, a Austria-Hungria e a Inglaterra eram pintadas como muito fracas; a Austria-Hungria, por causa da lucta das nacionalidades allemã, slava e hungara, que poderia compremetter a existencia da monarchia, e a Inglaterra por causa da questão irlandeza e da sua inferioridade militar, que poderia impôr-lhe, no caso d'uma guerra europeia, uma neutralidade desfavoravel á Allemanha.

Experiencia de pombos correios.—Nos principios d'este mez, por iniciativa do Club du Midi, de Bruxellas, foram soltos em Calvi, na Corsega, todos os pombos correios que tinham concorrido ao appello d'aquella sociedade fomentadora. Como é sabido, as aves deviam regressar aos seus pombaes, sendo concedidos premios aos primeiros viajantes que chegassem. A um d'esses corredores alados aconteceu a seguinte peripecia commovente:

Massacrada de fadiga, as azas esphaceladas, a pobre avesinha, que pertenco ao sr. Delrez, de Verviers, caiu desalentada no campo de Waremme. Um aldeão, que regressava a casa, apoderou-se d'ella e propunha-se talvez a mandal-a cosinhar, quando, a meio do caminho, encontrou um amador de pombos correios.

Uma simples olhadella d'este homem providencial bastou para adivinhar que se tratava de um pombo viajante perdido e propôz ao campino a compra da ave. Feito o negocio por um franco, o colombophilo descobre nas pennas o carimbo de Calvi, o endereço do proprietario, e telegrapha n'um prompto para Verviers.

O sr. Delrez mette-se no expresso e vem ao encontro do seu pombo; mas este por tal modo se achava derreado que foi mister submettel-o a um incitamento para o fazer seguir pelos ares o caminho de Verviers e ganhar assim o seu premio. Imagine-se a anciedade do seu proprietario.

O sr. Delrez teve a excellente idéa de levar a femea do pobresinho derreado e os dois pombos que se amavam ternamente regressaram em breve ao pombal. O pombo, que fôra resgatado da ôlha da panella ou do refugado da caçoula por um misero franco, ainda conseguiu ganhar o septimo premio—550 francos.

Este concurso de Calvi foi desastroso: de 649 pombos soltos no dia 2 do corrente, só 20 e tantos é que entraram nos pombaes até á data.

Os amadores menos pessimistas pensam que uma centena de corredores ainda chegarão aos pombaes.

Calvi fica a 980 kilometros de Bruxellas. As pobresitas das aves, soltas á beira-mar, deviam ter feito uma travessia de tres horas de vôo antes de pairarem sobre o continente. Nunca fôra tentada uma expedição assim; mas, pelo que se vê, não vale a pena repetir-se, porque não aproveita.

Suppõe-se geralmente que os pombos que faltam, desnorteados, se dividissem em dois bandos, um que seguiu para Monaco, outro para a Italia.

O primeiro premio d'esta viagem desastrosa foi ganho no dia seguinte áquelle em que se soltaram os pombos. A 3 de julho, chegava ao seu pombal de Verviers o valente campeão dos ares. Pertence ao sr. Hanssens e esteve durante tres dias em exposição no Club do Midi.

PAGINA LITTERARIA

ALEXANDRE HERCULANO

(EXORDIO)

Sapiens in populo hæreditabit honorem, et nomen illus erit vivens in æternum.

Eccl. XXXVII, 29.

Senhores.—Os factos crystallisam as idéas, e os monumentos crystallisam as idéas e os factos:—os monumentos são a geologia do espirito.

Vêde, em pleno cyclo medieval, esta gentilissima nacionalidade portugueza crear-se, disciplinar-se, vigorisar-se, uniformisar-se, expandir-se n'uma só aspiração, e toda esta aspiração, com o mesmo brilho e com o mesmo fito, affirmar-se pelo mesmo verbo e estampar-se no mesmo symbolo:—o cenobio religioso, o monumento catholico. Soberbo, soberbissimo espectaculo! A sombra do templo divino, em redor da calorificante matriz apinhôam-se os burgos e aconchegam-se os lares; nos seus adros instituem-se os mercados e abendiçoam-se os alimentos; nos seus atrios celebram-se os contractos e asylam-se os delinquentes; nos seus claustros germinam as escolas publicas e estreiam-se as representações theatraes: á voz vibrante dos seus sinos congregam-se as assembléas, acorre-se aos perigos supremos, entra-se nos combates da vida ou resvala-se aos abysmos da morte, ao pé dos seus altares armam-se os cavalleiros, e do fundo das suas capellas partem-se, ausentam-se os peregrinos; no alto da sua tribuna resôa a palavra mais augusta da terra, ora trovejente como o Ensinamento do Sinai, ora embrandecida como o Sermão da Montanha, austera e imponente como o genio do dever ou dôce e melodiosa como uma carne de amor—a palavra do orador sagrado; sob as suas abobadas, consonantes com as harmonias do orgão e as espiraes do incenso, alternam-se e confundem-se os psalmos do sacerdote e os canticos do crente, todas as alegrias e todos os lamentos, desde os roseos resplendores do *Te-Deum* até aos relampagos tremendos do *Dies iræ;* nos seus pavimentos, tapisados de lapides e recortados de sepulturas, assignala-se o dia de hontem—a morte, a saudade; nas suas paredes, esmaltadas de ex-votos e ornamentadas de cruzes, assignala-se o dia de hoje—a dôr, o sacrificio; nas suas janellas, prismadas de pinturas e betadas de matizes, assignala-se o dia de ámanhã—o céo, a esperança; os seus arcos e columnas, que se alevantam e recurvam como as arvores, com as suas folhas imbricadas e os seus festões distendidos, por entre flores que parecem mariposas e por entre lumes que parecem estrellas, representam a vida da natureza; as suas imagens e estatutos, circumfulgentes de pedraria e opulentadas de gloria, que umas vezes se festejam em côro sobre os thronos e outras vezes se festejam em procissão sobre os andores, representam a vida da graça; e, lá no pinaculo, desatando-se da terra e fugindo para os céos, a leve grimpa, a agulha rendilhada, a flecha aérea,—lidima escada de Jacob, escada mysticissima por onde a alma, clarificada pela penitencia, transfigurada pela oração e propellida pela fé, sóbe, anhelante do infinito, sóbe, sóbe até acolher-se ao seio increado, ao seio immenso e amorosissimo de Deus.

Assim se glorificam os povos crentes e assim se glorificou o povo portuguez. Tres monumentos, tres historicos monumentos ficaram ahi para assombro e doutrinamento das idades, encandilando tão alentada crença e encellulando tão desmedida gloria: Alcobaça, Batalha, Belem—a obra prima do rei heroico e do reino invencivel, e a obra prima do rei afortunado e do rei triumphantissimo; tres incomparaveis monumentos que trasladam as raizes, as frondes e as florescencias da nacionalidade portugueza.

No proposito de desapressar-se da mourisma, caminho da escalada de Santarem, Affonso Henriques votou, a ser feliz na interpresa, fundar um mosteiro que doaria aos monges de Cister, á ordem preclara do monge Bernardo, cujo amigo era. O céo escutou-lhe a prece. Dias depois o pendão real varria o estandarte do islam de sobre as muralhas da altiva Santarem, e seguidamente o bizarrissimo vencedor cimentava a obra de Alcobaça. Lá está, lá está ainda o magestoso, o amplo, o rico monumento—rico de historia como poucos, outr'ora rico de patrimonio como nenhum. Successivas restaurações e accrescentos lhe desfiguram, no rodar dos annos, a severa simplicidade primitiva; mas, desfigurado ou não desfigurado, este monumento é um thesouro. E quando se considera que em torno d'essas pedras arquejaram os peitos de que se formou a patria; quando se recorda que este é um dos nucleos em que se colhou e unificou a christianissima alma portugueza, referve-nos o sangue nas veias e amaram-se-nos os olhos de lagrimas—porque estamos percebendo os vagidos, estamos apalpando ás faxas d'esta nação valerosa, d'esta nação campeadora que, mais tarde, não cabia, não cabia por sua grandeza na terra.

As magnificencias de Alcobaça, adjungem-se as sublimidades da Batalha—a celeberrima fabrica ogival erecta por João I em memoria dos feitos de Aljubarrota contra as arremettidas castelhanas. Aquillo não é um templo, é um canto; é o espirito d'um povo crente evolando-se. desfeito em harmonia, das estrophes d'uma epopeia em pedra. Aquellas naves altissimas, aquellas ponteagudas arcadas, aquella floresta de columnas e pyramides, aquellas janellas buriladas como joias, aquelles vidros coloridos como iris, aquellas delicadas figuras e elegantes baldaquinos, aquellas viçosas grinaldas e brincadas laçarias em que se esgotou a arte e como que se derreteu a fé; toda aquella obra estupenda, em purissima architectura gothica, é uma symphonia que nos submerge no extasis e nos arrebata, atravéz de un céo aberto, á origem milagrosa de taes inspirações, á inenarravel e mysteriosissima essencia do Eterno.

Sacro, sublime monumento da Batalha! divino, lusitanissimo cenobio, graciosamente rendilhado com tudo quanto hão podido idear de mais subtil esses anonymos immortaes que pareciam ter o segredo de abrandar a pedra e affeiçoal-a, diaphana entre os seus dedos, a todos os caprichos da phantasia e a todos os symbolos da crença! o portuguez que desconhece ou que despreza a tua fecunda importancia famosa, o portuguez que não relembra e não adora todo o esforço que custaste e toda a gloria que tu guardas, é um portuguez abastardado—é indigno da sua patria.

As sumptuosidades de Alcobaça e as maravilhas da Batalha são coroadas pelos resplendores de Belem—este preciosissimo e enflorado diadema que D. Manuel fez estadear n'esta praia do Restello, solemnisando a invenção da India. Original, indescriptivel monumento! Parece extrahido das espumas oceanicas e amassado com o ether dos céos. Parece uma visão phantastica do Oriente—o berço da crença, o berço do sol. Circula-lhe a vida por todos os lanços, ressua-lhe a exuberancia por todos os poros. Mas esta riqueza descompassada, exquisita, nada tem de exagerado e violento; nada tem de commum com o inchaço, com a turgidez das decadencias. Veio por si, naturalmenta, torrencialmente, como vem o enthusiasmo, como vem a saude. Tudo isto é a arte em festa victoriando a religião e a nação em festa. Portaes, frestões, fustes, nichos, cimalhas, botaréos, templo, crasta, sacristia, recingidos de folhagens de toda a especie e de arabescos e relevas de toda a ordem, filigranados de lizes quasi aeriformes e povoados de figuras quasi viventes; e, depois, esses formidaveis e esbeltissimos pilares como que nascidos ahi para bracejar pelos ares fóra e sustentar o proprio firmamento; e, ainda, essa abobada do cruzeiro, abatida, artesoada, constellada de cruzes e de espheras, desamparada de columnas, mais pasmosa que a do capitulo da Batalha, imponente e amplisima, fazendo lembrar um horisonte no mar alto; e, por fim, após o feitio manuellino, a sorridente capellamór—o esplendido feitio da renascença... ah! taes portentos e taes contrastes sacodem-nos os nervos e produzem-nos vertigens; accendem-nos o sentimento do grande, apagam-nos electricidade do sublime; porque são a traducção cyclopica, a petrificação estranha, descommunal, typica, da crença robusta d'aquelles titans que, *dilatando a fé e o imperio*, foram os heroes da nossa oterna epopeia maritima—os primeiros, os quasi fabulosos circumnavegadores dos mares.

Sob estes claros horisontes, á beira d'este formoso Tejo emmoldurado de tantas maravilhas artisticas, no seio d'este augusto monumento que resalta. fulvidamente tisnado, entre o espelho das aguas e o espelho dos ceus, adjacente a esta egreja, que é um padrão de fé, e ao fundo d'esse claustro, que é um poema cyclico, engastou a gratidão portugueza, cinzelada como uma joia grega, o sarcophago de Alexandre Herculano. Bravo! perfeitamente justo! ao pé das Cinzas de Camões—o astro da patria, do Gama—a força da patria, e de Manuel—a grandeza da patria, nenhumas cinzas mais gloriosas que as cinzas de Herculano—o genio, o assombro, a honra adamantina, a lingua vibrante e a penna refulgentissima da patria:—Herculano que, a tão especiosos titulos, como se a alma portugueza subisse inteira áquella laureada cabeça e se reflectisse toda no azul d'aquelles olhos vivissimos, sobrepõe ainda o de propugnador acerrimo e superrimo dos monumentos da patria. As grandes arvores parecem maiores quando dominam uma floresta: este gigante mais se avoluma defrontado com taes gigantes.

Espirito de eleição e patriota de raça, poeta e romancista de larga fama, prosador excelso e historiador sem rival, elle amou e serviu a sua terra quanto um homem póde amar e servir um povo. Se não nasce portuguez, quizera ter nascido portuguez. O seu pensamento era accêso e vivido como o pensamento da nação, o seu peito leal e brioso como a indole da nação, a sua palavra mascula e pinturesca como a palavra da nação, as suas aptidões variadas e complexas como as phases da nação, os seus costumes acendrados, integerrimos e exemplarissimos como as virtudes e as memorias da nação. Desde Affonso, o primeiro dos portuguezes, não houve nunca portuguez mais authentico—portuguez mais portuguez do que este homem.

Os grandes soes brilham no espaço porque condensam a luz; as grandes almas vivem no tempo porque condensam a idéa. Este astro de suprema grandeza, este astro-rei que rutila sobre todos nós, será sempre rutilante nos estadios da sciencia e nos recintos da historia: *Sapiens in populo hæreditabit honorem, et nomem illius erit vivens in æternum.*

Tristissimo de mim,—que seja eu o encarregado, eu, o minimo dos oradores, de vir dizer aqui o que foi e o que vale o maximo dos escriptores! Absolutamente impossivel.

Por um lado, a biographia de Herculano desageita-se d'este logar. Todos a conhecem e, embora desconhecessem, não era bastante objecto para tamanha solemnidade. A vida do primoroso cidadão, em si desbalisada dos lavores mentaes que a encheram, encontra facilmente parallelas:—é thema de somenos importancia. Por outro lado, a opotheose d'esse sabedor surprehendente, singularissimo, d'esse sabedor quiçá unico entre nós pelas altezas de prestigio que mereceu e sustentou; e, ainda mais, o esboço, sequer o esboço critico dos seus livros, que influenciaram pelo modo mais directo e enalteceram pela fórma mais brilhante a civilisação litteraria d'este paiz, transcendem evidentissimamente as minhas forças. Dia virá em que um Linneu das artes e um Kant das sciencias classifiquem e joeirem isso. Não eu. E, em tal crise, em tal risco, o mais temeroso porque tem passado a minha palavra, já esbatida em vinte e cinco annos de pulpito, lembra-me o seguinte: as fraguas do genio assemelham-se ás fornagens da locomotiva—vão sempre refolgando e lançando chispas. Tentarei colher algumas d'este estuante genio e com ellas aquecerei um pouco o meu discurso. Eis o que vou fazer francamente, lisamente, imparcialmente, sem pretenções academicas, sem pretenções oratorias, sem pretenções de casta nenhuma.

Excellentissimos presidente, secretario e membros conspicuos da commissão executiva do monumento a Alexandre Herculano: Tentou-mo, enlevou-me, envaideceu-me o vosso convite. Eu nunca tive nem espero ter honra igual. Eu nunca logrei nem espero lograr assumpto equivalente. Deslumbra, enthasiasma tudo isto! Esta luz electrica, que se ateia no seio dos tumulos; esta reacção pundonorosa em favor, dos grandes extinctos; esta justiça posthuma, coriscante, que assim vinga os martyrisados benemeritos; o Calvario da vida que assim se demuda em Thabor na morte; isto, tudo isto é com certeza um dos maiores triumphos um dos maiores timbres dos tempos modernos. Amante do meu seculo e da minha patria, commovem-me, exaltam-me cultos taes. Está n'elles toda a essencia do meu pensar, toda a comburencia do meu sentir. Mas receio, e receio muitissimo, passar d'aqui... O que eu não receio é curvar-me, reconhecido e confundido, ante a vossa gentileza, que tão fidalgamente se lembrou de mim. E dizer estas coisas, nobilissima assembléa, é esperar muita benevolencia para o trabalho que principio.

Alves Mendes.

AS FREIRAS DE LORVÃO

A ANTONIO DE SERPA PIMENTEL

Meu amigo.—Escrevo-lhe do fundo do estreito valle de Lorvão, defronte do mosteiro onde repousam as filhas de Sancho I; d'este mosteiro melancolico e mal-assombrado como as montanhas abruptas que o rodeiam por todos os lados: escrevo-lhe com o coração apertado de dó e repassado de indignação. Descendo a examinar o archivo das pobres cistercienses, penetrei no claustro por ordem da auctoridade ecclesiastica. Lá dentro, n'esses corredores humidos e sombrios, vi passar ao pé de mim muitos vultos, cujas faces eram pallidas, cujos cabellos eram brancos. Esses cabellos nem todos os destinguiu o decurso dos annos: a amargura embranqueceu os mais d'elles. Quasi todas essas faces tem-n'as empallidecido a fome. Morrem aqui lentamente umas poucas de mulheres, fechadas n'uma tumba de pedra e ferro. Estas mulheres ouvem de lá, do seu tumulo, o ruido do burgo apinhado na encosta fronteira, e dividido do mosteiro apenas por um riacho. N'aquellas casas de telha-van, negras, gretadas, desaprumadas, com o aspecto miseravel da maior parte das aldeias da Beira, vive uma população laboriosa, que até certo ponto se póde chamar abastada, e a que, pelo menos, não falta o pão nem a alegria. No mosteiro sumptuoso, vasto, alvejante, com um aspecto exterior quasi indicando opulencia, é que não ha pão, mas só lagrimas. Lorvão é peior do que um carneiro onde se houvessem mettido vinte esquifes de catalepticos, sellando-se para sempre a lagea da entrada. O cataleptico, fechado no seu caixão, ouve, sente, tem a consciencia de que foi sepultado vivo. Nas trevas e na immobilidade, o terror, a desesperação, a falta de ar matam-n'o em breve: a sua agonia é tremenda, mas não é longa. Aqui é outra cousa: aqui vê-se, por entre as grades de ferro, a luz do céu, a arvore que dá os fructos, a seara que dá o pão, e tudo isto vê-se para se ter mais fome. Todos os dias uma esperança duvidosa e fugitiva atravessa aquellas grades de envolta com os primeiros raios do sol: todos os dias essa esperança fica sumida debaixo das trevas que á tarde se precipitam sobre Lorvão das ladeiras do poente. Depois as noites de insomnia; depois o choro; depois, sabe Deus se a blasphemia!

Dez vezes que tenhamos lido o Dante, ao chegarmos á descripção da torre de Ugolino erriçam-se-nos sempre os cabellos. Mas Lorvão é uma torre de Ugolino. A differença está em que no carcere da *Divina Comedia* havia um homem forte de alma e de corpo, affeito á dôr e ás scenas de dôr: aqui ha dezoito ou vinte mulheres na idade decadente, que se affizeram na juventude aos commodos, aos regalos, e até ao luxo compativel com as condições da vida monastica. Lá o *fiero pasto* acabava, e depois morria-se rapido. Aqui não: aqui ha justamente quanto basta para prolongar por mezes e por annos o martyrio. Dir-se-hia que existe uma providencia infernal para que não falte ás freiras de Lorvão o restrictamento indispensavel para, lento e lento, se lhes irem os membros mirrando n'um longo expirar, debeis e senis.

Imagine, meu amigo, uma noite de inverno, no fundo d'esta especie de poço perdido no meio da turba de montes que o rodeiam: imagine dezoito ou vinte mulheres idosas, mettidas entre quatro paredes humidas e regeladas, sem agasalho, sem lume para se aquecerem, sem pão para se alimentarem, sem energia na alma, e sem forças no corpo, comparando o passado, sentindo o presente e antevendo o futuro. Imagine o vento que ruge, a chuva ou a neve fustigando as poucas vidraças que ainda restam no edificio; imagine essas orgias tempestuosas da natureza que passam por cima das lagrimas silenciosas das pobres cistercienses, e as horas eternas que batem na torre. Imagine tudo isto, e sentirá accender-se-lhe no animo uma indignação reconcentrada e inflexivel.

Ha poucos dias passou-se em Lorvão uma scena tremenda. N'um accesso de desesperação, parte d'estas desgraçadas queriam tumultuariamente romper a clausura; queriam ir pedir pão pelas cercanias. Custou muito contêl-as. Tinha-se apoderado d'ellas uma grande ambição; aspiravam á felicidade do mendigo, que póde appellar para a compaixão humana; que póde fazer-se escutar de porta em porta. Era uma vantagem enorme que obtinham. A sua voz é demasiado fraca, e os muros de Lorvão demasiado espessos. Gemidos, brados, prantos, tudo é devorado por esse tumulo de vivos. Ao menos, surgiam como Lazaro da sua sepultura.

Gemidos, brados, prantos, nada d'isso chega aos ouvidos dos homens que exercem o poder n'esta terra; nada d'isso os incommoda. Entretanto. se eu falasse com elles, dar-lhes-hia um conselho. Talvez o ouvissem, porque a minha voz é um pouco mais forte que a das velhas freiras. Era o de enviarem aqui sessenta soldados, formarem as monjas de Lorvão em linha no adro da egreja e mandarem-lhes dar tres descargas cerradas. Desapparecia, a troco de poucos arrateis de polvora, um grande escandalo, e resolvia-se affirmativamente um problema a que nunca achei senão soluções negativas, o da utilidade da força armada n'este paiz.

Sim, isto era util, porque era atroz; porque era uma festa de cannibaes; porque se gravava na mente dos homens; porque ficava na historia, como um padrão maldicto, para instaurar no futuro o processo d'esta geração. Mas não era infame, não era covarde; não era o assassinio lento, obscuro, atraiçoado. feito com a mordaça na boca das victimas. Corria o sangue durante alguns minutos: não corria o suor da agonia durante annos. Era uma scena de delirio revolucionario; mas não era um capitulo inedito para ajunctar aos annaes tenebrosos do sancto officio,

A historia recente de Lorvão é simples. Os bens acumulados n'aquelle cenobio durante dez seculos tinham-no tornado demasiadamente rico. A sua renda annual dizem que orçava por mais de oitenta mil cruzados. Como mosteiro cisterciense, Lorvão dependia dos monges brancos. Cem freiras de que se compunha a communidade, e que viviam opulentamente, gastavam muito, mas não gastavam tudo. Cinco frades bernardos, aposentados n'um palacete contiguo ao mosteiro, consumiam o resto. Eram elles que administravam as grossas rendas da casa. Os banquetes e as festas succediam-se alli sem interrupção. Os hospedes eram continuos. O manto da religião cobria todos os excessos da opulencia. A chronica dos bernardos em Lorvão subministra mais de um capitulo curioso para a historia dos *bons tempos* que já lá vão.

Até aqui nada ha extranho. Mas os frades entenderam que deviam comer a renda e o capital das cenobitas laurbanenses. Refere-se que certa vez, não sabendo explicar plausivelmente o dispendio de uma verba de 600$000 réis, escreveram n'umas contas irrisorias que mostravam annualmente á abbadessa: *Palitos—600$000 réis.* Póde ser fabula. O que, porém, não é fabula é que durante muitos annos o dinheiro das decimas que o mosteiro devia pagar esqueceu em Alcobaça, dando-se em conta como pago. Por outro lado as *necessidades da casa* tinham feito com que suas reverencias empenhassem a communidade em 6:000$ ou 8:000$000 reis. Os juros d'esta divida tambem se não pagaram. Veio o anno de 1833. Desappareceram os dizimos, principal rendimento do mosteiro. Os direitos senhoriaes desappareceram tambem. Os frades, enxotados do seu feudo de Lorvão, saíram d'alli, mandando primeiramente derribar todas as arvores que povoavam aquellas encostas e vendendo as madeiras. Era o ultimo *vale* que davam a suas irmãs. Ainda assim, ficava ás monjas uma honesta subsistencia. Passado, porém, apenas um anno, o fisco arrebatou-lhes quasi tudo pela divida de 25 contos de reis de decimas, e os credores particulares levaram-lhes depois os demais bens. Restavam-lhes apenas alguns pequenos foros espalhados por diversos districtos, os quaes geralmente lhes são recusados, ou cuja difficil cobrança quasi consome o producto d'elles. Vacillantes entre a vida e a morte, as freiras de Lorvão prolongam uma existencia de dôr e miseria pendente das eventualidades d'esse tenue rendimento. Ha um ou dous annos, o governo deu-lhes a esmola de um subsidio: este subsidio, porém, cessou. Ignora-se o motivo. Por ventura alguma secretaria de estado precisava de novos estofos nas suas commodas poltronas, ou os felpudos tapetes das salas ministeriaes tinham perdido o brilho das suas côres variegadas, e cumpria renoval-os. São despezas inevitaveis, e é necessaria a economia. Se assim foi, respeitemos as exigencias imperiosas da dignidade governativa. Alta noite, durante o inverno, vinte mulheres curvadas pela inedia e pela velhice pódem dirigir-se ao coro, calcando quasi descalças as lageas humidas e frias d'estes claustros solitarios; mas as botas envernizadas de suas excellencias devem ranger mollemente sobre um pavimento suave, e as suas cabeças, afogueiadas pelas profundas cogitações, reclinarem-se em fofos espaldares. Todavia a magestade das secretarias e os apices da economia não excluem a tolerancia, nem a indulgencia. Faço essa justiça ao poder. Quando a ultima freira de Lorvão expirar de miseria, ou debaixo de alguma d'essas paredes interiores do mosteiro que ameaçam desabar, os ministros soffrerão com animo paternal que mãos piedosas vão lançar o cadaver da pobre monja no ossuario de sete seculos, onde repousam as cinzas de milhares de suas irmãs. Depois venderão o edificio e a cerca a algum de estes judeus do seculo XIX, a que chamamos agiotas, se algum houver a quem passe pelo espirito ter uma casa de campo em Lorvão.

Meu amigo: se a indignação consentisse o riso, se não se tractasse de uma questão grave e triste, eu riria do afan da imprensa em ventilar os meios de acudir á desgraçada ilha da Madeira. O remedio ha de ser o abandono. Quando vejo a facilidade com que a sorte das freiras de Portugal se tornaria feliz, e considero o estado de Lorvão, de Cellas, e de tantos outros mosteiros, como hei de esperar que remedeiem um mal cuja cura é mil vezes mais difficil?

Na secretaria da justiça encontra
se as provas de que as rendas dos be
que ainda possuem os conventos
sexo feminino em Portugal excede
200:000$000 reis, e todavia ha cent
nares de freiras que morrem á mingu
São dous factos que não carecem
commentario. E' a manifestação ma
eloquente de que não ha governo n'es
ta terra. Existem mosteiros, cujas h
bitadoras vivem na opulencia, e on
o superfluo se desbarata de um mo
escandaloso. Não digo quaes. E p
que apontal-os? Aposto meia m
uma moeda até, contra mil acçõe
companhia Hislop, que se lembra
logo de reduzir esses mosteiros á
dicidade para fazerem com o
mento d'elles sessenta coroneis e
secretarias de estado novas. Ant
sim como está. Defendiam-nos
administravam-nos mais. Deus
vre d'isso!

E' certo, porém, que para a
ras de Lorvão viverem tranquill
te os seus ultimos dias, bastav
nos homens do poder tivesse ex
um leve instincto de equidade. C
des de Alcobaça roubaram 25:000
reis a Lorvão. Eram responsavei
elles. A sua responsabilidade p
para o fisco seu herdeiro e succ
As decimas de Lorvão deviam ir
car-se aos bens de Alcobaça, logo
se provasse que Alcobaça espo
fraudulentamente Lorvão. Averi
se o facto? Não. O fisco execut
freiras, e recebeu duas vezes a
divida. Onde houvese moralid
administração publica praticav
estas coisas?

Mas porque o importuno co
larga historia? Não é, meu ami
para desabafo: é para lhe ped
favor. Supponha que viu, como
as faces enrugadas e pallidas das
jas de Lorvão, por onde as lagr

se penduravam quatro a quatro, emquanto vozes convulsas descreviam scenas do longo drama de miseria de que este sepulchro de vivos tem sido theatro durante vinte annos: supponha que olhava para estas janellas mal reparadas, para estas paredes verdoengas, cujo aspecto produz um sentimento inexplicavel de frio, apesar do calor da atmosphera n'um dia de julho; para as alfaias roçadas e poidas; para os proprios trajos das freiras; que lia em tudo isso, repetida por cem modos, uma palavra só: *infortunio, infortunio, infortunio!* Que fazia? Com o seu coração, com os seus principios, e redactor de um jornal que tem largas sympathias, sentia-se grande e forte pondo a sua penna ao serviço da desgraça e da fraqueza. Faça-o, meu amigo; faça-o! Peça esmola para as freiras de Lorvão, que foram ricas e felizes na mocidade, e que na velhice tem fome. A velhice é sancta! Ponha esse contraste do passado e do presente perante os olhos dos opulentos e ditosos, para que se lembrem com alguns cruzados das pobres que gemem debaixo d'estas abobadas escondidas no meio dos montes ladeirentos e agrestes do concelho de Penacova. Ao governo não peça nem diga nada; deixe esses homens ao seu destino; deixe-os estofar poltronas e dormir n'ellas. Deus e os vindouros hão-de julgar-nos a todos.

Se entender que esta carta de uma testemunha ocular póde servir de thema ás suas considerações, publique-a. O homem que vê o que eu vi e abafa no peito o grito da indignação ou é um malvado ou um covarde, e eu espero não merecer jámais nenhum d'esses titulos. Imprima esta carta no todo ou em parte, se quizer; porque folgarei com isso. O que importa é ver se obtemos despertar a compaixão publica a favor d'estas infelizes.

Auctorisando-o, porém, a publicar as ideias que me assaltaram ao presenciar o espectaculo atroz e repugnante que está diante de mim, advirta que não ha n'isso nem virtude, nem audacia. Incommodam-me mediocramente as coleras de certa gente, e a malevolencia ou antes o odio d'ella é titulo que aprecio, parque creio que ha de honrar perante a posteridade quem quer que o possuir, se é que este paiz não caminha fatal e irremediavelm
te á dissolução social.

Alexan

A T

---

34 **FOLHETIM**

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

Tendo-se deliberado a comer, o bom do ermitão assentou não ficar atraz de seu hospede, assim que ambos desenferrujaram a porfia os dentes, porém posto que o cavalleiro não tivesse ha muito comido, levou-lhe o ermitão as lampas, que tão sofrego era o seu appetite.

—Ermitão de Copmanhurst, disse o cavalleiro, eu aposto o meu cavallo contra um sequim que o bom do couteiro, a quem devemos a obrigação d'esta excellente empada de veado, deixou tambem algumas garrafas de bom vinho, para ajudar a digeril-a. Bem sei que similhantes bagatellas não devem occupar os pensamentos d'um anachoreta, que vive com a frugalidade com que viveis, mas se quizesseis ter o incommodo de dar uma busca na cella, talvez que em algum canto encontreis com algum barril de Bordéos ou de Madeira.»

Carregou-se no semblante, o ermitão, e. abrindo segunda vez o armario d'onde tinha tirado a empada, veiu com uma borracha oito vezes maior que as borrachas ordinarias. Pôl-a sobre a mesa com dous copos de páu do ar com arcos de prata; e tendo feito esta addição á ceia pensou que podia pôr de lado todo o constrangimento. Enchendo pois os dous copos, tomou um dizendo em saxonio, *Waes hael.* A vossa saude, senhor cavalleiro Preguiçoso! e despejou-o d'um trago.

—*Drink hael,* á vossa, bravo ermitão! disse o cavalleiro imitando-o. E agora tende a bondade de dizer-me como, tendo-vos a natureza dotado de tão vigorosos membros, e de tão bom appetite, vos resolvestes a vir morar n'estes desertos. Sou de parecer que não é essa a vossa vocação, e que de melhor vontade levarieis de assalto um castello ou fortaleza, comendo boa carne e bebendo muito melhor vinho, do que jejuando e bebendo d'essa bebida chilra, que me offerecestes ao principio. Se estivera em vosso logar, em vez de estar ás atenças do couteiro, divertir-me-hia a caçar, e a matar alguns gamos, de que ha grande abundancia n'esta matta. Verdade é que são d'el-rei; o que não obsta, que ao capellão de S. Dunstan mereça alguma contemplação.

—Senhor cavalleiro, melhor será que mudemos de assumpto, respondeu o ermitão, este é summamente delicado, e convido-vos a não o repetir; sou um ermitão fiel ao rei, e ás leis. Se acaso tomasse a liberdade de caçar nos coutos do meu soberano, bem sabeis que me exporia á prizão, e mesmo á força, e que a minha sotaina me não salvaria!

—Todavia, se eu morasse n'esta ermida, passearia ás vezes ao luar, quando os guardas estão deitados, e continuando sempre a rezar as matinas, quando encontrasse algum rancho de gamos, lançar-lhes-hia algumas flechas. Dizei-me em consciencia, não tomais nunca este passa-tempo?

—Amigo preguiçoso, vistes tudo o que podia enteressar-vos na minha ermida? vistes mesmo mais do que merecia um homem, que se estabeleceu aqui quasi á força. Acreditai-me, gozai do bem que o céu vos envia, sem vos inquietardes com o modo porque o tendes. Enchei vosso copo, bebei, comei, e não me obrigueis com perguntas indiscretas, a provar-vos que, se seriamente fôra minha vontade oppôr-me á vossa entrada, não teries jámais posto os pés aonde estais.

—Palavra de honra, provocais a minha curiosidade mais que nunca. Sois o ermitão mais mysterioso que tenho visto, e é mister que vos conheça melhor antes que vos deixe... Quanto ás vossas ameaças, santo anachoreta, sabei que fallais a um homem, que não tem outra profissão senão a de bater-se, e affrontar de continuo a morte.

—A' vossa saude, senhor cavalleiro preguiçoso: respeito o vosso valor, mas não tenho grande opinião da vossa discripção. Se quereis combater-me com armas iguaes, infligir-vos-hei tal penitencia que, d'aqui a um anno, não peccareis mais por curiosidade.

—E quaes são as vossas armas, valente ermita de Copmanhurst?

—Desde a tesoura de Dalila, e o prego de Jael até a cimitarra de Goliath não ha nenhuma, com a qual eu não esteja em estado de vos fazer frente; mas se me deixais a escolha, vêde, meu digno amigo, que dizeis vós d'estes dous brincos?

Dizendo isto abriu em outro canto da cella um segundo armario, d'onde tirou duas espadas bem affiadas, e dous escudos taes como então se traziam. O cavalleiro, que acompanhava com os olhos todos os seus movimentos, viu que no armario havia tambem alguns arcos, um arcabuz, dardos e flechas, uma harpa, e outros objectos que não pareciam do uso de um cenobita.

—Irmão ermita, diz o cavalleiro, não vos farei mais perguntas indiscretas; dou-me por satisfeito com o que tenho visto, mas eis uma arma de que com muito gosto me serviria se quizesses competir comigo. E assim fallando pegou na harpa. Até aqui estava eu persuadido, cavalleiro, que sem razão vos appellidavam perguiçoso, mas do que acabais de dizer infiro que alguns laivos d'isso tendes. Mas emfim pois sois meu hospede não haja entre nós disputas. Deixai-vos ahi estar; comamos, bebamos, passemos emfim alegremente a noute, e se sabeis cantar, melhor: achareis sempre aberta a porta d'esta capella, em quanto eu fôr capellão de S. Dunstan; bebei pois mais um copo, em quanto temperais a harpa, e crê que não ha melhor remedio para afinar a voz, e apurar os ouvidos como dous ou tres copos de vinho. Eu cá tal é o meu costume.

XVII

Abro no meu cantinho estudioso
O meu chapeado livro, enriquecido
Com estampas de muitos santos feitos
De mart'res que no céu gozam do premio.
Então quando começa a annuviar-se
A triste véla, canto, ou, mais exacto,
Adormeço ao meu hymno compassado.
....
Quem ha que não trocára a sua pompa
Só contra o meu bordão e a minha capa,
E não prefira ao mundo tumultuoso
A paz d'este pacifico eremitorio!

Warton.

O cavalleiro fez uso da receita do ermitão, mas não foi sem custo, que chegou a afinar a harpa.

—Falta aqui uma corda, disse elle, e as outras não estão em muito bom estado.

—Ah! notais isso? já vejo qu
sois um professor na arte da musica! E por culpa do vinho, accrescentou elle gravemente, levantando os olhos ao céu, é por culpa do vinho e da intemperança. Eu tinha dito a Allan-a-Dale, menestrel do norte, de não mecher na harpa depois do setimo copo, mas Allan-a-Dale não quer que o contrariem. Amigo, bebo á saude da vossa sciencia musical.

Fallando assim, despejou o seu copo com um ar grave, meneando a cabeça para condemnar a intemperança do menestrel da morte.

Entretanto a harpa estava affinada do modo possivel; e o cavalleiro, depois de ter preludiado um instante, perguntou ao ermitão se queria uma *sirvante* na lingua de *oc*, ou um *lai* na lingua de *oui*, ou um *virelai*, ou um *ballada*, em inglez vulgar.

—Uma *ballada*, uma *ballada!* respondeu o ermitão; isso val cem vezes mais do que todos os *oc* e os *oui* da França. Eu sou um inglez franco, senhor cavalleiro, como o era o meu bemaventurado patrono S. Dunstan, e importa-me tanto como os *oc* e os *oui*, como elle se importa com as garras do diabo. N'esta cella só se deve cantar inglez.

—Então vou cantar te uma ballada composta por um menestrel, que conheci na Terra-Santa.

cia
cultiva
tinha-lhe
um voz, qu
ca extensão e
Teria pois me
juizes mais es
mitão, tanto n'
alma, e, quando
cento de um enthusiasmo q
juntava uma verdadeira energia
versos da ballada.

REGRESSO DA CRUZADA

I

De feitos immortaes volta adornado
Da Palestina o campeão famoso;
Tostado o rosto, o corpo quebrantado,
Nos homens traz a cruz do Poderoso.
Mostra o pavez em parte amolgado
De batalhas em campo sanguinoso;
Da dama sua aos braços acolhido
Canta quão tristes horas ha soffrido.

II

Da terra do ouro vêl-o que é volvido
O cavalleiro teu; não traz comsigo
Riquezas, mas d'ellas desprovido
Não é o que armas tem, ginete amigo.
A lança sua e gladio destimido,
Esporas p'ra picar contra o inimigo
Eis os seus trophéos, e a esperança
Que um sorriso de Tekla lhe afiança.

(Continúa.)

NOTICIAS LOCAES

EXPEDIENTE.—Tivemos de alterar a ordem da collocação das materias, para que no presente numero podessem entrar os artigos mais importantes dos que se achavam compostos. Esta alteração não se dará nos numeros subsequentes.

Dr. Costa e Almeida.—Este integerrimo magistrado, ultimamente promovido á 2.ª instancia para a Relação dos Açores, onde foi tomar posse, mas d'onde teve de regressar logo por motivo de doença, acaba de ser, a seu pedido, collocado no quadro da magistratura sem exercicio, mas com vencimento. Sentimos os motivos d'esta inactividade do sr. dr. Costa e Almeida, mas estimamos que escolha para sua residencia esta cidade, onde todos presam as suas distinctas qualidades.

Notas da carteira.—Estiveram em Aveiro: no sabbado, o sr. Sebastião Pereira da Cunha Sottomayor, dignissimo escrivão de fazenda do concelho de Estarreja, e o rev.º sr. Francisco Correia Vermelho, illustrado sacerdote d'Ovar, e na segunda-feira o sr. dr. Angelo Ferreira, habil advogado, e secretario da camara municipal do mesmo concelho.

— Foi a Lisboa o eminente jurisconsulto e benemerito presidente da camara municipal de Anadia, o sr. dr. Alexandre de Seabra.

— Vae no dia 1 de agosto a Estarreja o nosso collega dr. Barbosa de Magalhães, advogar em audiencia geral.

— Regressou de Lisboa o sr. commendador Casimiro de Souza Menezes, dignissimo director das obras publicas d'este districto.

— Partiu para o Porto a ex.ma sr.ª D. Maria Ismenia d'Almeida Taveira Jones, e para Almear as ex.mas sr.as D. Maria Luciana e D. Anna Clementina de Figueiredo.

— Veio visitar a sua familia o sr. dr. Julio Pereira da Costa, digno juiz do tribunal administrativo de Ponta Delgada. S. ex.ª tenciona demorar-se em Aveiro, aproveitando o resto da licensa para ir ao estrangeiro.

Imposto do pescado.—E' esperado por estes dias em Aveiro o nosso illustrado amigo, o sr. Francisco de Castro Monteiro, benemerito deputado da nação, e digno reverificador da alfandega do Porto, que vem [illegible]llar a commissão, de que é dis[illegible]idente, incumbida de estudar [illegible]erno a transformação [illegible]scado.

[illegible]to.—

[illegible]rença a favor da meza actual..... 167$982

Em 1886-1887 o saldo que passou foi:

Dividas activas.....	327$723
Dinheiro para capitalisar.	369$165
Mais dinheiro.....	501$769
	1:198$657

Em 1887-1887 passou o seguinte saldo:

Dividas activas de 86-87.	69$016
» » de 87-88.	466$952
Dinheiro para capitalisar.	83$600
Mais dinheiro.....	702$325
Total.....	1:321$893
Em 1886-87.....	1:198$657
Differença a favor de 87-88.	123$236

Em 1886-1887 andava em atrazo de dois e tres mezes o pagamento dos fornecimentos de generos e dos vencimentos dos empregados da santa casa. Durante a gerencia de 1887-1888, fornecedores e empregados foram pagos sempre em dia.

Bispo Conde.—As *Instituições Christans*, excellente jornal religioso, orgão da Academia de Santo Thomaz d'Aquino, publicou ultimamente, celebrando o 16.º anniversario da sagração do senhor D. Manuel Correia de Bastos Pina, um retrato e extensa biographia do illustre prelado da egreja conimbricense.

E' homenagem de justiça devida ao senhor Bispo Conde, preclaro pelas suas virtudes, uma das glorias mais brilhantes do episcopado portuguez, e que dá lustre á Egreja sem levantar conflictos com os poderes do Estado.

Transferencia.—O sr. Fortunato Alfredo Filinto de Vasconcellos, segundo aspirante da repartição de fazenda d'este districto, foi transferido para a repartição de Coimbra, vindo para aqui o sr. Donaciano Pereira das Neves, d'ali, por troca feita a pedido dos interessados.

Companhia Resusta & Thereza.—E' ainda a mais completa falta de espaço que nos inhibe da apreciação que tencionavamos fazer hoje sobre esta magnifica companhia gymnastica. Será no proximo numero, e não nos descuidaremos, pois que, a um grupo de artistas tão completos e tão sympathicos, não se regateiam nunca os louvores merecidos.

Como hoje ha espectaculo, o ultimo durante a permanencia aqui da companhia, juntaremos ás de domingo proximo passado as impressões d'esta tarde, que vae ser bem passada, e então faremos uma descripção mais longa e certamente mais agradavel aos bons e dignos artistas.

Trabalhos da junta de inspecção militar.—Esta junta inspeccionou em sessão do dia 21 do corrente 33 mancebos. Approvou 23, temporisou 7 e isentou definitivamente 3.

Na sessão do dia 23 inspeccionou 41 mancebos. Approvou 25, isentou 5, temporisou 10 e mandou um para ser observado no hospital competente.

Na sessão do dia 24 inspeccionou 46 mancebos. Approvou 31, isentou 5, temporisou 8 e mandou em observação para o hospital 2.

Adjudicação de bens.—Por despacho de 18 do corrente foi auctorisada pelo ministerio do reino a adjudicação dos bens da extincta irmandade do Santissimo do Mosteirô do concelho da Feira á respetiva junta de parochia.

Estação telegrapho-postal.—Começaram na segunda-feira os trabalhos para o estabelecimento da nova estação telegrapho-postal na costa do Furadouro.

Fabrica de moagem.—Já se acha montada a machina na fabrica de moagem a vapor, que os srs. Cardoso & Carvalho, construiram em Arada, devendo em breve começar a funccionar.

Mergulhador.—E' esperado por estes dias aqui o mergulhador que vem tirar os peguilhos—ferros de navios—que estorvam nas cosas da Torreira e S. Jacintho, o trabalho de pesca, causando enorme perzo no aparelho das companhas quando n'elles se prendem—no aparelho e propria pesca—no que tambem é indemente prejudicada a fazenda.

E' mais um serviço que os pescas vão dever ao illustre e zeloso tado por Ovar, o sr. Barbosa de lhães, que foi quem conseguiu verno a resolução prompta d'um o, que tão necessario se tornáva.

Trabalho no mar.—No ngo e na segunda-feira o mar não ittiu o trabalho. Hontem fez-se or e as companhas poderam trar. O resultado porém foi insignite. Nas costas do norte não houve o superior a 10:000 reis. Nas do apenas uma companha fez 80:000 n'um lanço e 49$000 reis em ou sendo a pesca boa sardinha, que nçou no mercado o preço de réis 00 o milheiro.

A falta do mar tem produzido uma vel differença na alimentação pu. Não ha pescas recolhidas, tudo e tem produzido tem consumo pto, de modo que a carencia é leta.

A colheita do sal.—Vae mal para a colheita do sal. O o persiste em contrarial-a por um de que não ha exemplo nos ultitrinta annos decorridos. A producolhida é deminutissima. Estamos si no fim de julho e o sal nas eiras quantidade relativamente pequena. Dá-se esta circumstancia, aliás ponderosa n'este genero de cultura local; mas dá-se outra que não é menos grave. E' que para esse pouco que ha colhido não tem havido procura. N'este tempo costumava ella ser muitas vezes superior á offerta, porque todos esperavam melhor preço. Este anno não apparecem exportadores. E' ainda possivel que este estado de cousas mude, e mal irá a todos se não muda.

CORREIO DE LISBOA

24 DE JULHO DE 1888.

Politicamente não ha nada digno de mencionar-se. As *combinações* politicas a que um jornal d'aqui se referiu —a entrada no gabinete do cavalheiro que preside aos destinos da Esquerda Dinastica, e d'outro que preside aos destinos do grupo constituinte foi pura *blague*, balão de ensaio, que serviu apenas para fazer rir toda a gente que sabe, que o gabinete progressista não precisa d'auxilio estranho para manter-se no seu posto de honra. Se circumstancias da vida intima fizeram sair dos conselhos da corôa um homem distincto, e se alguma outra motivar a retirada de mais algum, no proprio campo não faltam capacidades que prehencham aquellas vagas. E hão de ser prehenchidas muito breve;—devemos crel-o, porque assim o exigem os interesses do paiz e os do proprio partido.

— Um jornal que é aqui o orgão do grupo republicano falla hoje, com notavel incorrecção e com demasiado desmando do ultimo comicio que ahi fizeram no domingo proximo as opposições combinadas. N'esse escripto calumnia-se torpemente o carecter dos honrados habitantes d'Aveiro. A parte sensata da população, a sua grande maioria não é o que alli se faz ver. E', pelo contrario, a mais pronunciada anthithese das ideias que o foliculario e seus comparsas pretendem sustentar —mau grado da verdade que a todos se patenteia e que ninguem ignora. O que aqui se sabe affirma exactamente o contrario. Essas pseudo reuniões de republicanos e de regeneradores teem-lhe sido permittidas á força de esforços da auctoridade, que tem procurado manter a ordem por um modo louvavel, e precizo, digamol-o assim, mas que não poderá continuar por que o espirito publico, pelas informações que tenho, está reagindo por um modo notavel contra essa pleiade d'obscuros desordeiros, para quem o maior castigo devia ser, e certamente o seria se o brio fosse o seu norte—a propria insignificancia dos homens que convocam para essas reuniões. O desengano de que Aveiro não é o que diz o tal jornal—o eterno calumniador dos homens mais respeitaveis do paiz, desde a corôa até ao cidadão mais obscuro que não commungue nas suas ideias—vae aparecer, e então a convicção de que é simplesmente torpe o que alli se diz, chegará aos que vivem fóra d'ahi. Esperem um pouco e verão. Mas não se arrisquem a novas tentativas, por que se o fizerem, é possivel que a tolerancia dos homens d'ordem, dos verdadeiros representantes da opinião publica —dos bons filhos d'Aveiro, do concelho e do districto—não estará resolvida a suportar por mais tempo as indignidades e as infamias que ahi se teem praticado—hasteando-se no meio d'uma terra honesta e decente, o estandarte da rebelião contra os mais puros costumes sociaes. A parte sã e illustrada da cidade, do concelho e do districto é a que está ao lado dos principios religiosos, e não é decerto a que acompanha os energumenos que são, só por si, a mais virulenta afronta a tudo o que é catholico, respeitavel e digno.

O clero, essa parte importantissima da sociedade portugueza—o clero, que n'essa circumscripção ecclesiastica—é exemplo de viva compostura, de illustração e dos mais puros seutimentos catholicos, está sendo ahi vilmente tratado. Colloquem-se os bons ao seu lado e os que combatem cahirão pelo rediculo dos proprios instinctos, pela torpeza das proprias almas, pela criminalidade de tão ruins, de tão condemnaveis propositos.

— Para sancção de leis reunir-se-ha na quinta-feira o conselho d'Estado.

— O sr. presidente do conselho vizitou hontem o edificio da escola medico-cirurgica de Lisboa, e em resultado do que viu, mandou elaborar com urgencia o projecto d'um edificio novo para a mesma escola. O local escolhido não pode ser mais apropriado ao fim—é o da actual praça de touros no Campo de Sant'Anna. Quer isto tambem dizer que a praça tauromachica no centro da capital, está fatalmente condemnada e isso tem a mais geral approvação de todos.

— Todas as noticias que teem sido publicadas ácerca do itinerario da proxima viagem de suas magestades, são pelo menos, prematuras. O fim principal da viagem é o restabelecimento de el-rei, a quem os medicos aconselharam uma demorada digressão no mar, para assegurar e concluir o tratamento de sua magestade. Outro fim da viagem é o desejo que suas magestades teem de assistir em Turim ao casamento de sua alteza real o duque de Aosta com a princeza Lacticia Bonaparte. Sua mrgestade a rainha irá fazer uma cura de aguas em Gastein (Austria) e será ahi que sua magestade el-rei irá encontrar-se com sua augusta esposa. El-rei deseja muito ir passar alguns dias no palacio de Sigmaringen com sua irmã a sr.ª infanta D. Antonia e satisfazendo antigos e instantes pedidos do principe Ernesto de Saxe, seu tio, ir egualmente passar algum tempo no esplendido castello de Reinhardsbrunnen, que fica no meio d'um delicioso parque e é uma das mais bellas residencias principescas da Allemanha. Se sua magestade el-rei, pelas condições favoraveis do seu estado de saude, fôr a Reinhardsbrunnen, é muito provavel qus visite a côrte de Berlim, como é provavel que visite a côrte de Vienna, quando se dirija a Gastein, a fim de se encontrar com sua magestade a rainha, mas tudo isto depende da influencia que a viagem por mar exerça no restabelecimento de sua magestade, e a esta circumstancia será subordinado todo o itinerario da viagem.

— Partiu hontem d'aqui para a sua casa de Mathosinhos, o velho e honrado progressista, d'antes quebrar que torcer, sr. José Ventura dos Santos, deputado da Nação. O nosso presado amigo demorou-se aqui mais porque teve de resolver antes da sua partida negocios que interessam ao partido de que é digno membro, e que dizem respeito á segunda cidade do reino e ao seu circulo.

— Já regressou de Pariz o sr. Lopo Vaz de Sampaio e Mello.

— Vae ser agraciado com o grau de cavalleiro da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, o nosso distincto amigo e dignissimo administrador do concelho d'Oliveira d'Azemeis, o sr. dr. Daniel d'Araujo Ribeiro. E' uma simples prova de consideração pelos seus relevantes serviços e pelos seus meritos de jurisconsulto e de magistrado.

— No pessoal superior do paço da Ajuda, acabam de dar-se as seguintes alterações: Foi reformado o sr. visconde da Lançada, que por motivos de doença foi a Paris com seu irmão, o sr. duque de Palmella consultar a sciencia franceza ácerca dos seus males, aggravados agora. Pediram e alcançaram a exoneração do serviço da casa de Sua Magestade a Rainha as srs.as D. Anna de Sousa Coutinho, e marqueza de Rio Maior. Aos srs. condes de Bretiandos, que haviam solicitado dispensa definitiva do serviço, não foi acceita a exoneração. Concederam-lhes, porém, Suas Magestades folga de alguns mezes, attento o estado de saude da sr.ª condessa de Bretiandos.

— Por despacho do ex.mo sr. ministro das obras publicas de 28 de junho, agora expedido, foi concedido á camara de Albergaria o subsidio de 404:000 reis para a construcção da estrada municipal da Igreja de Valle-Maior ás Almas do Couto de Gavião.

Por despacho da mesma data foi concedida á mesma camara o subsidio de 1:069$000 reis para a construcção da estrada tambem municipal do Afeiteiro ao Fontão.

Por despacho tambem de 28 e agora expedido, foi concedido á camara d'Oliveira d'Azemeis o subsidio de 328$000 reis para a estrada da Feira dos Dezoito a Valle de Lameiro.

E ainda por despacho da mesma data foi concedido á mesma camara o subsidio de 275$000 reis para a construcção da estrada da Feira dos Dezoito, em Cezar, a Valle de Loureiro.

— Realisou-se hontem no ministerio das obras publicas o concurso para a construcção da 1.ª empreitada geral de estradas no districto do Porto, cuja base de licitação era a quantia de réis 257:100$000. Concorreram 4 licitantes, sendo um ás empreitadas parciaes n.os 1, 5, 7 e 8, que offereceu um insignificante abatimento, e os restantes á empreitada geral. D'estes obrigava-se o sr. Antonio Joaquim Furtado a proceder á construcção pelo preço de 256:150$000 réis; o sr. José Joaquim Mendes pelo preço de 251:080$000 réis e o sr. Pastor Fernandes Vargas pelo preço de 228:189$000 réis. Portanto a offerta mais vantajosa para o estado foi a do sr. Fernandes Vargas, resultando d'ella um abatimento de 28:911$000 réis ou 11,2 p. c. a respeito da base de licitação. Este resultado confirma mais uma vez a excellencia do systema de construcção por concurso, nos termos da lei de 21 de julho de 1887.

— Partiu hontem para a Amieira o sr. visconde de S. Januario.

— Realisou-se hontem, pelas 8 horas da manhã, na egreja dos Jeronymos o casamento do distincto *sportman* e nosso velho e querido amigo o sr. Carlos Relvas com a sr.ª D. Marianna de Carvalho. A noiva é uma senhora gentilissima, primorosamente educada e de elevadissimas qualidades de coração. Assistiu á benção nupcial um grande numero de convidados, entre os quaes se achavam pessoas da nossa primeira sociedade e alguns dos mais distinctos membros do nosso *sport* tauromachico. Em seguida ao casamento foi servido, no palacio da Conceição em Pedrouços, um magnifico almoço. Depois partiram para a Gollegã, d'onde é natural a ex.ma noiva.

— Mandam vinhos da Bairrada para a exposição de Berlim os srs. barão do Cruzeiro e Albano Coutinho.

— O *Diario* publicou hontem o seguinte decreto, regulando as disposições da lei de 12 de setembro de 1887, na parte relativa á inspecção sanitaria dos mancebos recenseados para o serviço militar:

Artigo 1.º Nos districtos onde, em vista do numero dos recenseados para o serviço militar, e dos que diariamente podem ser inspeccionados, se reconhecer que uma só junta de inspecção é insufficiente para examinar no praso legal todos os inspeccionados, serão nomeadas as juntas que forem indispensaveis para se fazer concluir a inspecção sanitaria no mencionado praso, podendo fazer parte d'estas juntas quaesquer facultativos militares, e na falta absoluta d'estes os facultativos civis.

§ unico. Estas novas juntas poderão funccionar nas sédes das comarcas, que forem designadas pelos respectivos governadores civis, de accordo com os presidentes das juntas actuaes.

Artigo 2.º Quando não compareçam á inspecção dos mancebos das diversas freguezias os respectivos parochos, por si, ou por pessoa idonea da sua confiança, poderão as referidas juntas requisitar dos mesmos parochos o de quaesquer auctoridades, ou repartições publicas, os esclarecimentos necessarios para se reconhecer a identidade dos inspeccionados.

Artigo 3.º São permittidas, nos termos em que foram auctorisadas pela portaria de 12 de agosto de 1870, as inspecções sanitarias na sédo do districto da residencia dos mancebos, que estiverem recenseados n'outro districto, devendo os governadores civis dos districtos da residencia participar immediatamente o resultado da inspecção aos governadores civis dos districtos do recenseamento, para que estes magistrados, sem demora, o communiquem á competente commissão de recrutamento; e no caso de ter sido o mancebo declarado isento, definitiva, ou provisoriamente, o façam publicar na respectiva freguezia por edital; de cuja affixação deve ser contado o praso do recurso, facultado no § 4.º do artigo 49.º da lei de 12 de setembro do 1887.

Artigo 4.º Só são sujeitas a observação clinica regular nos hospitaes militares as doenças e deformidades comprehendidas na tabella B, annexa á lei de 12 de setembro de 1887, quando as juntas de inspecção o julgarem indispensavel.

Artigo 5.º E' da competencia das juntas de inspecção examinar os mancebos pertencentes a contingentes anteriores á vigencia da lei de 12 de setembro de 1887, applicando-lhes, porém, as tabellas anteriores á mesma lei.

— Vae ser transferido de Castello Branco para Coimbra o sr. dr. Manuel Pereira Dias, actual governador civil d'aquelle districto. A escolha é acertadissima.

— Chegou a Lisboa o sr. patriarcha das Indias, D. Antonio Sebastião Valente.

— Foi assassinado pelos contrabandistas em Villar de Perdizes, proximo de Montelegre, o capitão da guarda fiscal, Julio Diniz.

— Com o fim de concluir os trabalhos de recrutamento no praso legal, o governo vae nomear mais juntas de inspecção. Para esse districto serão nomeadas mais duas.

— O *Diario* d'ámanhã deve publicar a lei dos cereaes.

— Foi hoje vendido algum terreno na Avenida, que os compradores pagaram a 35$000 reis o metro quadrado. E' extraordinario!

— O presidente da camara de Loanda propoz em sessão camararia a criação d'um imposto sobre o jogo. O imposto de licença será para roleta de 500$000 reis annuaes; para outros jogos, de cartas, de parar, etc., 400$000.

Y.

ANNUNCIOS

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este generos já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

ANNUNCIO

NA comarca d'Aveiro e cartorio de Callisto correm editos de 30 dias, que começam a contar-se n'aquelle em que fôr publicado o 2.º e ultimo annuncio no respectivo periodico, a citar Duarte Nunes, d'Eixo, e actualmente ausente em parte incerta, para dentro do praso de dez dias, findo que seja aquelle outro praso, vir pagar junctamente com os outros executados José Nunes de Carvalho e Silva, João Nunes de Carvalho e Silva Junior e José Luiz de Pinho, todos d'Eixo, além das custas que accrescerem, a quantia de nove mil seis centos e trinta e oito reis, provenientes das custas e sellos em que todos foram condemnados no Tribuual da Relacão do Porto, na appellação que, para este Tribunal, interpozeram em 2 de outubro de 1886 na policia correcional que, n'este juizo, a todos foi movida por o magistrado do Ministerio Publico, sob pena de, não pagando, se proceder á penhora, seguindo-se os mais termos até final da respectiva execução. As audiencias ordinarias d'este juizo de direito costumam fazer-se ás segundas e quintas-feiras no Tribunal Judicial, situado no Largo Municipal d'esta cidade d'Aveiro,

O Escrivão Substituto

Gualdino Manuel da Rocha Calisto.

Verifiquei a exacção—*A. Cortezão.*

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosae, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vilho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachi hasé um excellente *lunche* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluindo ello, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para avitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

INJECÇÃO RAQUIN

DE COPAHIBATO DE SODA

Não causa nem irritação nem dôr e não mancha a roupa. Empregada só ou juntamente com as Capsulas do Raquin (*approvadas pela Academia de Medicina* de Paris) cura em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas. Muito util tambem como *preservativo*. *Exija-se a assignatura de RAQUIN.*

DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES

78, Faubourg Saint-Denis, Pariz,

E em todas as boas pharmacias do estrangeiro.

DIRECÇÃO

DAS

OBRAS PUBLICAS DE AVEIRO

Estrada districtal n.º 29 de Pedorido a Castro-Daire

Lanço do Pinheiro a Ouraes

ARREMATAÇÃO

FAZ publico que no dia 4 do mez de agosto proximo, pelas 9 horas da manhã, na Administração do Concelho de Castello de Paiva e perante o respectivo Administrador serão recebidas propostas distinctas em carta fechada para as seguintes empreitadas parciaes:

1.ª—Muros de supporte entre perfis 432 a 499 (materiaes e mão d'obra) com 156m.c.,0 d'alvenaria ordinaria, 1:561m.c.,6 d'alvenaria de pedra secca e 350m.c.,6 d'abertura de cavoucos.

BASE DE LICITAÇÃO 2:267$240 REIS.—DEPOSITO PROVISORIO 56$680 REIS

2.ª—Muros de supporte entre perfis 528 a 548 (materiaes e mão d'obra) com 51m.c.,9 d'alvenaria ordinaria, 1:715m.c.,3 d'alvenaria de pedra secca e 136m.c.,2 de abertura de cavoucos.

BASE DE LICITAÇÃO 2:199$780 REIS.—DEPOSITO PROVISORIO 54$995 REIS

A carta fechada que cada concorrente apresentar, deverá conter:

1.º Declaração escripta obrigando-se a fazer o deposito de 5 por cento sobre o valor da adjudicação.

2.º Documento de competencia para a execução da obra.

3.º Proposta do preço fechada em sobrescripto separado.

4.º Documento de ter feito o deposito provisorio.

Os desenhos e as condições especiaes da arrematação estão patentes na Administração do Concelho de Castello de Paiva e na secretaria da direcção em Aveiro.

Aveiro, 16 de Julho de 1888.

O Engenheiro Director

Casimiro d'A. de Sousa Menezes.

FERRO DE QUEVENNE

E o ferro no estado **puro** e, desde 50 annos, reconhecido pelos Medicos do Mundo inteiro, o mais poderoso dos ferruginosos para curar: **ANEMIA, POBREZA do SANGUE, PERDAS BRANCAS, DORES de ESTOMAGO**, etc... Eis porque é uma das raras preparações approvadas pela

ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS.

DESCONFIE-SE

das IMITAÇÕES e FALSIFICAÇÕES impuras, inactivas, desleaes, vendidas barato, EXIGIR, ALEM DA ASSIGNATURA DE *Quevenne*, O SELLO DA "*Union des Fabricants.*"

Vende-se: 1.º em *Pós*; 2.º em *Grageas*.

Deposito Geral do Verdadeiro FERRO de QUEVENNE

(transferido desde o dia 2 de fevereiro de 1888): 8, Rue du Conservatoire, PARIS;

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO D.r FRANCK

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos

Contra a Falta de appetito, Prisão de ventre, Enxaqueca, Vertigems, Congestões, etc.—*Dose ordinaria: 1, 2 á 3 grãos.*

Exigir as CAIXINHAS AZUES com o rotulo em 4 CORES e o Sello da União dos Fabricantes

em PARIZ, Pharmacia LEROY. — Depositos em todas as principaes Pharm.as

COMPANHIA GERAL

DE

CREDITO PREDIAL PORTUGUEZ

ESTA companhia, tendo resolvido dar começo ás operações de credito em conta corrente, caucionadas com hypotheca, desde já recebe propostas para as mesmas operações, nas seguintes

CONDIÇÕES

A importancia do credito aberto nunca será inferior a 90$000 réis, nem superior a 15:000$000 réis.

Os bens offerecidos em hypotheca poderão garantir até 2/3 do seu valor, sendo de 1.ª cathegoria, taes como terrenos de semeadura ou predios urbanos de rendimento e valor certo e duradouro, e até metade do seu valor, sendo de 2.ª cathegoria, taes como terrenos de plantações ou marinhas.

Não se acceitam para hypotheca theatros, minas pedreiras, nem predios onerados com usufructo, a não ser a hypotheca consentida pelo usufructuario. Nos edificios de fabricas ou officinas só se toma em conta o valor do predio, independente da sua applicação industrial.

A importancia do credito poderá ser levantada por uma só vez ou parcialmente por meio de cheques á vista cuja importancia nunca será inferior a 20$000 réis, nem superior a 5:000$000 réis.

Quando o prestamista quizer levantar quantia superior a esta importancia terá de avisar com antecedencia de 48 horas.

O juro das importancias levantadas será o do Banco de Portugal augmentado de 1/2 por cento. Este juro será igual a favor do prestamista para todas as quantias entregues por conta do seu debito. Em um e outro caso será contado dia a dia sobre o capital entregue ou recebido e liquidado aos trimestres. Quando o mutuario tiver um saldo credor, ser-lhe-ha abonado e juro correspondente aos depositos á ordem.

Além do juro acima estipulado, receberá a companhia uma commissão em cada anno de 1/5 por cento sobre a importancia total do credito. Esta commissão é devida ainda mesmo que o anno não seja completo.

Os contractos são feitos pelo praso de 5 annos, podendo comtudo o prestamista liquidar com a companhia pagando todo o seu debito quando lhe convenha. A companhia reserva se o direito de dar o contracto por findo no fim de cada anno, avisando o prestamista com a antecedencia de tres mezes.

Os contractos são feitos por titulo particular e por tanto gratuitos para os mutuarios, salvo os sellos devidos para a fazenda nacional.

As despezas preparatorias dos emprestimos são por conta dos proponentes, que por uma só vez e adiantadamente pagarão para esse effeito 1/5 por cento da quantia pedida, mas nunca menos de 1$000 réis.

A companhia fornecerá todos os esclarecimentos, que lhe forem pedidos, no seu escriptorio ou pelo correio, Lisboa, largo de Santo Antonio da Sé, 23.

Lisboa, 16 de julho de 1888.

O vice-governador

Lourenço Antonio de Carvalho.

ROB BOYVEAU LAFFECTEUR

Cura todas as Molestias resultantes dos Vicios do sangue: *Escrofulas, Eczema, Psoriase, Herpes, Lichen, Impetigo, Gôta* e *Rheumatismo.*

ROB BOYVEAU-LAFFECTEUR

AL IODURETO DE POTASSIO

Cura os accidentes syphiliticos antigos ou rebeldes: *Ulceras, Tumores, Gômmas, Exostose*, assim como *Lymphatismo, Escrofulas* e *Tuberculose.*

Em Paris, Casa J. FERRÉ, Phm.en, 102, rue Richelieu, S.r de BOYVEAU-LAFFECTEUR, e em todas as Phm.as

200,000 Doentes curados de DEFLUXOS, TOSSE, INSOMNIA, CRISES NERVOSAS PELO XAROPE do Dr FORGET Em todas as Pharmacias do Universo. Exija-se o endereço ao lado

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, DEBILIDADE, ESGOTAMENTO, etc., etc. PELO CITRATO DE FERRO CHABLE Em todas as boas Pharmacias. Exija-se o endereço ao lado.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

A PRESTAÇÕES

DE

500 RÉIS SEMANAES

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.

Não tem rival.

E' a rainha das machinas.

As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE—Largo da Vera-Cruz—AVEIRO